



JORNAL do ALGARVE

FUNDADOR: JOSÉ BARÃO
ANO 18.º

SÁBADO, 1 DE JUNHO DE 1974

DIRECTOR: ANTÓNIO BARÃO
AVENÇA N.º 897

A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE TODOS OS JORNAIS DO ALGARVE.

PROPRIEDADE — V.º e HERD.º DE JOSÉ BARÃO

OFICINAS: EMP. LITOGRAFICA DO SUL, S. A. R. L. — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO BRASIL, 48 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — TELEF. 254 LISBOA — TELEF. 361839 FARO — TELEF. 22322 AVULSO 2\$00

UM RECADO À FAMÍLIA?

DESDE o 25 de Abril, a Televisão tem-nos suscitado as mais fundas emoções, as mais sentidas esperanças. Nela vimos a libertação de um povo, nela vimos o despontar de um espírito crítico, nela escutámos pela primeira vez na nossa vida (ou somos novos ou a opressão durou demasiado) um governante português a falar a um jornalista sem a habitual minúcia, sem as costumeiras evasivas da

luta combinada. Julgávamos que tínhamos visto tudo. Puro erro! Faltava-nos a traumatizante experiência vivida na segunda-feira, logo em cima do telejornal das 21,45. Com solenidade, o general Galvão de Melo, membro da J. S. N., proferiu um comentário que aflitivamente nos trouxe à lembrança as famigeradas «conversas em família». Desculpe-nos a associação de

ideias, sr. general, mas quem viu, ouviu e entendeu, sabe ao que nos referimos. Deu motivo ao comentário uma carta de um português que falava em seu nome pessoal, insurgindo-se contra a liberdade de soltar delinquentes (os presos políticos?), insurgindo-se contra a caça ao homem (a caça aos membros da PIDE/DGS?) insurgindo-se contra uma televisão que ele encontra sem nível, demagógica,

perigosa, insurgindo-se contra a impunidade dos locutores dessa televisão (que saudades das verdades patrióticas proclamadas com fervor por alguns anteriores funcionários daquela casa...), insurgindo-se contra o caos económico, insurgindo-se, enfim.

E veio, depois, o comentário: o general da JUNTA (concordando fundamentalmente com os pontos da carta do português) censurou os excessos, falou em nome do bem de todos os portugueses e, fez mais, agraciou-nos (sempre em nome desse bem de todos os portugueses) com a promessa da aplicação da «firmeza necessária». Esta e o «bem dos portugueses», sr. general, são expressões que muito nos recordam a tormentosa noite fascista.

Deste canto algarvio, e ainda com o maior respeito, ousamos recetar a escolha doutra terminologia. Para condenar os excessos — que os há e são perigosos — para condenar as greves arruaceiras, os comícios extemporâneos, os oportunismos, numa palavra, os abusos

(Conclui na 6.ª página)

TEMAS EM DEBATE VIVEMOS A HORA DA VERDADE

Em certos meios e com certas pessoas nota-se uma pressa evidente em marcar posição neste momento. Essa adesão tem de vir nos jornais bem notória para evitar possíveis mal entendidos. Curiosamente, chegamos a encontrar os mesmos grupos de pessoas reunidas a aderir aos princípios das Forças Armadas, aqueles mesmos grupos que ainda há bem pouco tempo se manifestavam em termos quase idênticos a favor do Estado Novo e do seu regime e publicavam igualmente os seus manifestos e os nomes nos jornais.

Mas as pessoas denunciam-se por si próprias pela sua actuação em face dos acontecimentos. Há os que aderem por convicção e estão certos, e os que aderem por conveniência e estão errados. Estes são os arrivistas, os que pretendem aproveitar-se de todas as situações para trepar. São eles que sentem a urgência da adesão, da manifestação barulhenta, do nome nos jornais. Conhecemos alguns. De um dia para o outro, passaram a ser os mais acérrimos defensores da Democracia, «de que foram intransigentes adeptos desde que nasceram». Proclamam-no bem alto para que não haja dúvidas, mostrando o seu cravo vermelho, o emblema da CDE e o «Avante» em evidência debaixo do braço. Para que não haja dúvidas.

Normalmente são manifestações mas com sinal contrário, as mesmas que fizeram tantas vezes na sua vida, mudando apenas de rótulo, de emblema, de jornal.

Eles, porém, já não enganam ninguém e é preciso que o saibam, pois estamos agora na hora da verdade! — M. B.

MANUEL CABANAS

UM HOMEM FEITO DE SI PRÓPRIO PARA OS OUTROS

por António Madeira Santos

*A arte é força imanente
não se ensina, não se aprende
não se compra, não se vende
nasce e morre com a gente*

ANTÓNIO ALEIXO



ESTA quadra, de um grande poeta português nascido em 1897 no concelho de Vila Real de Santo António, ajusta-se, exactamente, à personalidade de mestre Manuel Cabanas.

Descendente de gente humilde, cedo partilhou com os seus as duras canseiras das fainas agrícolas, da esperança transferida cada ano, todos os anos. Começa, assim, a gravar na sua sensibilidade e a guardar na sua memória o conhecimento de dores que pertenciam aos outros. Criança, ainda, começou a utilizar o seu canivete de camponês para modificar as expressões mudas dos bocados de raízes que encontrava. Era a sua vocação a despontar na inconsciência dos seus actos infantis.

A sua condição cedo o lançou na corrente anónima dos que precisam de trabalhar para subsistir. E, como artista, sentia, cada vez mais, em si, a dor comum dos outros, a incerteza de cada momento e a certeza de todas as incertezas.

Manuel Cabanas, brandindo o seu canivete, foi um homem sempre em luta, um Dom Quixote dos seus ideais, procurando que os outros pudessem usufruir a realidade que existia nos seus sonhos. Um homem do povo que lutou pelo direito de possuir esses sonhos, desprezando os benefícios materiais que desfrutaria se quisesse vender as suas obras. Poderiam estar, hoje, na Suíça, na Alemanha ou no Brasil. Teriam servido para a sua comodidade, para a sua passagem além-fronteiras, para um reconhecimento universal da sua arte. Mas mestre Cabanas sempre preferiu viver com dificuldades e estar entre os seus. Nunca quis servir-se da sua obra para um emburguesamento contrário ao que era e ao que sentia.

— Seria como se me tirassem uma parte do meu corpo... ou da minha alma. — Disse-me ele, um dia, a explicar a razão das suas razões.

Manuel Cabanas foi o mais fiel depositário da sua obra, que era dos outros. Que, agora, é dos outros e está exposta na Galeria Municipal de Vila Real de Santo António.

Na trajectória da sua vida artística, mestre Cabanas foi uma presença sempre honrosa em todas as exposições. Assim, podemos acrescentar, a título de esclarecimento que:

Em 1939, expõe, pela primeira vez (Conclui na 6.ª página)

URGENTE INQUÉRITO AOS QUE SAQUEARAM O PATRIMÓNIO HISTÓRICO E ARQUEOLÓGICO DO ALGARVE

proposta de Francisco José Carrapiço

ALGARVE está a saque. Durante anos, caçadores de tesouros levaram e continuam a levar as melhores preciosidades arqueológicas e artísticas. Para isso, cavaram, destruíram, arrasaram, deixando em seu lugar um montão de pedras e terra, sem vida e sem significado algum.

Todos nós conhecemos o caso dos barcos existentes no fundo do rio Arade e do seu tesouro de moedas de ouro, prata e cobre, que foram levadas por estrangeiros e por portugueses, debaixo de um total desinteresse e desleixo das autoridades competentes. Das dezenas de moedas de ouro encontradas, ficou como «recordação» para a posteridade, uma da época romana do tempo de Marco Aurélio, com a efígie de sua mulher, Faustina Augusta. Esta moeda designada tecnicamente como «aurens», existe actualmente na Caixa Geral de Depósitos da cidade de Portimão.

Muitos outros casos podíamos apontar, que revelam o total desinteresse das entidades responsáveis do antigo regime, pelo património-histórico-arqueológico algarvio.

Estão dentro deste âmbito a destruição de alguns restos das antigas muralhas, com mais de 500 anos, ainda existentes em Portimão, para construção urbana. A constante votação ao abandono de todas as necrópoles arqueológicas, (Continua na 5.ª página)

O HOSPITAL DE LAGOS DESENCADEIA MOVIMENTO DA POPULAÇÃO

POR incrível que pareça, Lagos não tem hospital, nem casa de saúde, nem as mais elementares condições para socorrer imediatamente qualquer acidente a que a sua população, dia a dia, está sujeita.

O sismo de há cinco anos pôs fim ao que restava do que fora um útil hospital da Misericórdia. E Lagos não mais teve hospital. José d'Abreu Pimenta, indus-

trial lacobrigense, é, desde há vários trétnios, o provedor da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Lagos. Esta irmandade, criada em 2 de Julho de 1498 com o fim de prestar assistência obrigatória a indigentes e facultativa aos pobres do concelho de Lagos, já teve um albergue nocturno, uma cozinha económica e um hospital. Lagos nunca teve — segundo creio

(Conclui na 5.ª página)



pelo dr. MATEUS BOAVENTURA

DUAS VOTAÇÕES EVIDENTES

PEQUENA percentagem de votos que deu a vitória a Giscard d'Estaing, foi bem significativa de como a França estava dividida entre esquerdas e direitas com a morte de Pompidou. O próprio d'Estaing o reconheceu, após a contagem dos votos.

Quanto a François Mitterrand, que em breve visita o nosso País, pretende amarrar os seus antagonistas aos compromissos tomados durante a campanha e vai propor que sejam transpostos em de-

(Conclui na 5.ª página)

TEXTO DE J. A. MOLARINHO JACINTO

A MÁQUINA DO FASCISMO NOS MUNICÍPIOS ALGARVIOS DEVE SER DESMANTELADA

DEPOIS dos telegramas de várias entidades camarárias apoiando o programa político da Junta de Salvação Nacional, telegramas que se pretendia que funcionassem como bóias num mar bonançoso, mas onde a sinistra embarcação do nacional-fascismo se afundara já inapelavelmente, ante o irreprimível regozijo da maioria da população, processaram-se, como não podia deixar de ser, algumas mudanças das autoridades administrativas de certos concelhos algarvios, sendo a de Faro a mais significativa.

No entanto, não poderão ficar à frente dos destinos das diferentes autarquias locais indivíduos que todos sabemos largamente comprometidos nos métodos do regime depondo, que aos poucos vão sendo desvendados, e guindados aos seus postos de liderança política caseira, por um compariário mais ou menos interessado nas fartas negociações de quantos abocanharam a nossa Província, com relativo à-vontade e escandalosa impunidade. Dependerá da vontade popular

que tais mudanças se efectivem o mais depressa possível, de modo a que tais senhores não possam entrar o trabalho daqueles que querem colaborar leal e desinteressadamente na (re)construção do Algarve por que anseiam todos (?) os algarvios. Convém, pois, que não possam estes vir a ser afastados de a fazerem não já pelos processos utilizados pelos funcionários, no poder usurpado ao povo em 28 de Maio de 1926, mas de uma forma subtil e em que essas «entidades oficiais» até se aproveitam do C. D. A. (curso de Democracia Acelerada) que a elas mesmas ministraram há um mês.

Cabe aqui perguntar que «benevolência» poderão esperar tais indivíduos que, com as suas sujas manobras, fizeram chegar a S. Bento, «patriotas» da estirpe de um Tenreiro? Que razões poderão invocar agora quantos contribuíram para que uma série de demeritos chegasse a ocupar cargos dos quais dependiam o bem estar das populações? Que (Conclui na 6.ª página)

NOTA da redacção

UMA revolução é uma revolução. São as estruturas completamente modificadas, desde o governo central às autarquias locais, desde os serviços públicos às empresas privadas. É o aparecimento de uma ordem nova, livre e democrática, que pretende, de uma vez para sempre, sanear o País, procedendo à sua desfascização.

A «limpeza» tem vindo a processar-se em todos os níveis, mas com mais rapidez nas sociedades privadas, onde os trabalhadores, unidos por interesses comuns, estavam identificados com a realidade e conheciam desde há muito as suas reivindicações. Além disso, usaram da força que lhes concedia neste momento o seu poder de unidade sindical e que desde a primeira hora foi reconhecido pelo programa do Movimento das Forças Armadas.

As grandes vítimas continuam a ser os funcionários públicos, embora no seu seio tenham surgido vários movimentos reivindicativos. Subdivididos em milhares de colmeias, dispersos pelo País, sem sindicato que vele pelos seus interesses, os funcionários de Estado pretendem efectivamente sindicalizar-se. Mas como? Sur-

UMA TAREFA DIFÍCIL MAS NECESSÁRIA

gem hipóteses variadas, desde a formação de um sindicato único até à filiação das diversas categorias nos sindicatos já existentes. As reuniões têm-se sucedido e não é fácil encontrar a solução perante a variedade de interesses, a dispersão e a multidão de trabalhadores. Corre-se também o risco de entrar no caminho das utopias e das decisões puramente teóricas, em face das limitações financeiras do próprio patrão: o Estado.

Há, quanto a nós, uma tarefa mais urgente a cumprir nos organismos públicos. Essa tarefa chama-se saneamento, o qual já começou mas não atingiu ainda todo o País a todos os níveis. Diariamente chegamos notícias da manutenção da política fascista do velho regime em vigor ainda em organismos que conservam à sua frente os mesmos directores-gerais, seguindo os mesmos processos. Será necessário colocá-los perante a realidade e fazer-lhes uma «lavagem ao cérebro» se eles ainda estiverem em condições de resistir ao tratamento...

@ saúde
é a maior riqueza

VENENO INSIDIOSO

O tabaco não ataca o organismo rapidamente, mas fá-lo nos poucos, sorrateiramente, sem que o fumador o perceba. Porque é assim, o fumo actua como verdadeiro agente da quinta coluna contra a saúde.

Não se fie nas aparências. Combata radicalmente um dos inimigos da saúde, abandonando, de vez, o vício de fumar.

CRÓNICA DE FARO



por MARCELINO VIEGAS

Felicidades povo! Agora que tens coração

ANDAVA no ar uma inevitável onda de descontentamento. O País, caminhava a traços largos para a galvanizante anarquia económico-financeira. Entrara-se na insegurança completa, sem sabermos, positivamente, onde estaria a força que nos pudesse valer, travar a desenfreada loucura inflacionista; bem, surgiam remendos invocando a argamassa do «prego-fixos» ou abrindo a concorrência do «livre-preço»... que o edifício continuava celeremente ruindo, por mais que, «conversas-em-família» de triste memória, nos viessem dizer que não! A onda era avassaladora e não poupava quem quer que fosse...

Paralelamente ao deontio estado, havia latente na grei portuguesa outro drama ingente, de não menos importância social: a prepotência política, dependente do facho ditatorial e tirânico do fascismo. Aí, todos nós, de uma forma gravemente generalizada, encolhíamos resignada e medrosamente as orelhas. Porque, detrás dessa nossa sombra protestante da palpável realidade, poderia saltar a imagem-lobohomem (disso mesmo: do lobo-homem!) e levar-nos em carne-osso para as pidescas profundezas do inferno...

Era uma tristeza, o contexto sócio-económico da Nação!

E quem nos apotava nessa tragédia, à escala mundial? Dois ou três países a quem a imagem do burocrático regime policial português ia servindo, por outros despotismos fins, não obstante até esses mesmos possuíssem um maior equilíbrio de valores e superior nível de vida.

A TEIMOSIA NÃO TINHA LIMITES...

Contudo, teimava-se em Portugal nos processos ditatoriais. No partido único, à sombra do qual todos podiam ser fazendeiros. Na inquisição de quem se negasse a vender a alma e dizer «amen», aos maiorais. Na subversividade à censura de quem era mártir a Imprensa, já de si despersonalizada e descrente, dominada (não raro) pelos grandes grupos detentores do poder e senhores, claro, do único sistema de massificação permitido — o fanatismo ideológico da falecida ANP.

Entretanto, o País ia assustadoramente perdendo a vitalidade, enfraquecida que foi a sua capacidade cívica e desvirtuado o seu extracto humano e moral. As grandes questões, pareciam não ser com o Povo — que delas fugia, «como o diabo da cruz». E à primeira porta aberta — a da emigração — deuse o exodo. O abandono (quase) total dos campos. De norte a sul o problema não tinha solução. Entre nós, por exemplo, neste sedutor Algarve turístico (onde a pança de alguns inchava todos os dias), metade da população debatia-se na saude — com raízes que vão desde as Américas, à Austrália e fundamentalmente se entrelaçam na França e Alemanha.

QUE POVO (ERA) ESTE? QUE POVO?

Pois, não obstante a realidade portuguesa — comandada por imperial oligarquia que nos afastava da convivência e respeito mundiais — chegava-se ao deslante de nos tentarem impingir que, aqui sim, vivíamos sob a condução de um regime democrático! Seria, quando muito, chuchar com o Povo... o tal que (ouvira-se em prego) não estava preparado para assumir tamanha responsabilidade... que tinha de fechar a boca em todas as circunstâncias desagradáveis, ser moco e cego, não expressando ideais, por mais duras e cobardes que fossem as formas de repressão social, não contestando a continuidade bélica (como se isso fora um acidente natural e indiscutível)...

Porém, chegámos ao «25 de Abril» e de um golpe só, todos os tabús caíram na derrocada geral. Abrimos os olhos e vimos uma sociedade nacional cheia de vícios. Corróida de mentiras, de vergonhas, de crimes medonhos; pejada de falsos que, aparentando «caras-de-santo» mais não eram do que cínicos comparsas e lacaios do anti-humanismo governamental.

A rua chegou o cántico da Liberdade. E quem não sorriu? Quem não se apercebeu dos olhos humildes, mas felizes? Quem não sentiu pulsar dentro de si «outro» coração? Como se todos as formas de opressão houvessem sido esmagadas naquele instante e... agora sim, a hora da felicidade total chegasse! O milagre por tantos rogado, anos a fio, cumpria-se. De forma impressionantemente categórica e elucidativa. Um País Novo, renascia das cinzas e da clausura!

A mais bela manhã (da nossa existência) nasceu aos primeiros alvares de 25 de Abril de 1974.

O FUTURO ESTÁ EM NOSSAS OPERÁRIAS MÃOS

Alguns dias se passaram, após o histórico e espantoso, consciencializado golpe militar. As apreensões (lógicas) dos mais timoratos já feneceram. A reconstrução, impõe-se como possível. Porque a Paz também o é. Como a Liberdade. O Progresso. A alegria de viver. A comunicabilidade. A democracia. A amizade. Tudo depende do Homem racional e concreto. Da sua capacidade de compreensão e dotes de inteligência, postos ao serviço exclusivo do Bem e da comunidade onde está inserido. Do equilíbrio dessas e outras coordenadas subjacentes, resultará necessariamente a segurança de um Povo Unido que, pela Felicidade individual de ajudar ao interesse colectivo, jamais será vencido!

VIDA SINDICAL

ENFERMEIROS ALGARVIOS TOMAM POSIÇÃO

No intuito de conseguir as condições básicas para o exercício da profissão de enfermagem, os enfermeiros do distrito reuniram para debater entre outros, os problemas de abolição do curso de auxiliares de enfermagem; reestruturação do curso de enfermagem geral, tendo como habilitações literárias mínimas o 2.º ciclo liceal ou equivalente; promoção dos auxiliares de enfermagem a enfermeiros mediante frequência de cursos de promoção, ministrados nas várias escolas existentes; integração imediata das Escolas de Enfermagem no Ministério da Educação e Cultura; autonomia da enfermagem como profissão liberal que é, com participação no planeamento e gestão dos serviços de saúde, etc.

ALFAIATES E MODISTAS DO ALGARVE

No salão da Junta Distrital de Faro reuniram alfaiates e modistas que exercem a sua actividade no Algarve, a fim de tratarem assuntos ligados ao actual momento político e à defesa dos seus interesses profissionais. Classe com características próprias na medida em que grande parte dos profissionais são simultaneamente entidades patronais, deliberaram pugnar pela inscrição no âmbito da Previdência, como acontece noutros sectores profissionais que trabalham por conta própria e criar um sindicato livre, no caso do actual Grémio dos Industriais de Vestuário não corresponder à legítima representatividade e defesa dos seus interesses.

SINDICATO DOS MOTORISTAS

Em assembleia geral extraordinária e tendo em vista uma nova orientação com verdadeiro cunho sindical que o Movimento das Forças Armadas possibilitou, foram eleitos livremente os novos responsáveis pelo Sindicato dos Motoristas do Distrito. Presidem à assembleia geral e à direcção os srs. José Carrasco Silva e Florival Mendonça Nunes.

OPERÁRIOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Com a presença de representantes da Junta de Salvação Nacional decorreu uma assembleia geral do Sindicato dos Operários da Construção Civil do Distrito, no decurso da qual foi eleita uma comissão directiva provisória para gerir os destinos dos Sindicatos. Constituem-na os srs. Manuel Bota (presidente), António Cavaleiro (secretário), Manuel Paço Alves (tesoureiro), Herlander Martins e José Jesus (vogais).

TRABALHADORES DA CEAL

No seguimento do processo de reivindicações iniciado pelos trabalhadores da C. E. A. L. em 22 de Maio, foi feita uma reunião entre a administração e os representantes dos trabalhadores, que decorreu na maior cordialidade, em que administração.

ECOS

José da Rosa

Deu-nos o prazer de visitar a nossa Redacção o nosso compatriota sr. José da Rosa, natural de Vila Real de Santo António, exilado há 30 anos em diversos países e ultimamente na Venezuela, onde era membro da Junta Patriótica Portuguesa.

Farmácias

DE SERVIÇO

Em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Alves de Sousa; e até sexta-feira, a Farmácia Piedade.
Em FARO, hoje, a Farmácia Crespo Santos; amanhã, Paula; segunda-feira, Almeida; terça, Montepio; quarta, Higienização; quinta, Graça Mira e sexta-feira, Pereira Gago.
Em LAGOS, a Farmácia Lacobrigense.
Em LOULE, hoje, a Farmácia Avenida; amanhã, Madeira; segunda-feira, Confiância; terça, Pinheiro; quarta, Pinto; quinta, Avenida e sexta-feira, Madeira.
Em OLHÃO, hoje, a Farmácia Ferro; amanhã, Rocha; segunda-feira, Pacheco; terça, Progresso; quarta, Olhanense; quinta, Ferro e sexta-feira, Rocha.

Em PORTIMÃO, hoje, a Farmácia Dias; amanhã, Central; segunda-feira, Oliveira Furtado; terça, Moderna; quarta, Carvalho; quinta, Rosa Nunes e sexta-feira, Dias.

Em TAVIRA, hoje, a Farmácia Sousa; amanhã, Montepio; segunda-feira, Abolm; terça, Central; quarta, Franco; quinta, Sousa e sexta-feira, Montepio.

Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, a Farmácia Carmo.

Cinemas

Em ALBUFEIRA, no Cine-Pax, hoje, «A raiva do tigre»; amanhã, «O caso Mattei»; terça-feira, «Justiça de Cahill»; quarta-feira, «Sexo nunca, somos britânicos»; quinta-feira, «A ilha do terror»; sexta-feira, «Os dois polícias».

Em ALMANSIL, no Cinema Miranda, hoje, «Explosão de garotas» e «O ladrão de Bagdad»; amanhã, «Alfredo, Alfredo»; terça-feira, «A fúria da razão»; quinta-feira, «O tesouro de Tarzan».

Em FARO, no Cinema Santo

Plenário distrital do Movimento Democrático Português

No São Luís Parque, em Faro, decorreu um plenário distrital promovido pelo Movimento Democrático Português e que reuniu elementos de vários concelhos do Algarve. Vários oradores, entre os quais os srs. Campos Lima, Luís Catarino, Luís Filipe Madeira e Dias Costa, analisaram e prestaram esclarecimentos sobre a situação política actual, guerra colonial, sindicalismo e acção política, objectivos do MDP e outras correntes políticas, realizações do Movimento no Algarve, greve e suas consequências, etc.

Revestiram-se de interesse as respostas e elucidações a múltiplas questões colocadas pela assistência e ligadas aos temas atrás referidos e ainda a outros como o saneamento da administração, vida escolar, etc.

No final o dr. João Maximiano fez uma pormenorizada análise e objectiva síntese dos temas tratados.

Dr. Diamantino D. Baltazar

Médico Especialista
DOENÇAS E CIRURGIA
dos Rins e Vias Urinárias
Consultas às segundas, quartas e sextas-feiras a partir das 15 horas
Consultório:
Rua Baptista Lopes,
30-A - 1.º Esquerdo
FARO
Telefones { Consultório 22013
Residência 24761

chegaram a conclusões que posteriormente tiveram o acordo dos trabalhadores, entre elas o salário mínimo e a aceitação da representação dos trabalhadores junto da

AGENDA

António, hoje, «Doutor Jivago»; amanhã, «O porteiro».

Em LAGOS, no Teatro Cinema Império, hoje, «Um de nós tem de morrer» e «Teus olhos negros»; amanhã, «Até mesmo os anjos comem feijões»; terça-feira, «Segredos proibidos»; quarta-feira, «Os que não perdoam»; quinta-feira, «As 14 amazonas».

Em LOULE, no Cine-Teatro Louletano, hoje, «Mister X» e «10 000 dólares por um pistoleiro»; amanhã, «O boxeur chinês»; terça-feira, «O caixão»; quinta-feira, «Pá-pisa Joana».

Em PORTIMÃO, no Cine-Teatro, hoje, «A diligência dos condenados» e «Guerra à TV»; amanhã, «Essa mulher»; segunda-feira, «A sombra da força» e «Caminho perigoso»; terça-feira, «Helena, a grega»; quarta-feira, «A ponte do rio Kwab»; quinta-feira, «Testemunha inconsciente»; sexta-feira, «Caiu uma garota na minha sopa».

— No Boa Esperança Atlético Clube Portimonense, hoje, «Os pássaros»; amanhã, «Borsalino»; quarta-feira, «O destino marca a hora»; sexta-feira, «Sem espaço para morrer».

— No Cine-Espanada, amanhã, «A aventura do Poseidon»; terça-feira, «As balas do ódio»; quarta-feira, «A revolta de Tarzan»; quinta-feira, «O invencível».

Em SILVES, no Cine-Teatro Silvesense, hoje, «Django e Sartana»; amanhã, em matiné e em soirée, «A colina dos sarilhos»; terça-feira, «Os revoltados do Cano»; quinta-feira, «Centuriões do século XX».

Em TAVIRA, no Cine-Teatro António Pinheiro, hoje, «D. Camilo e os jovens de hoje» e «Não sou digno de ti»; amanhã, «Alfredo, Alfredo» e «Rapariga do auto-stop»; terça-feira, «A casa da barafunda»; quinta-feira, «Os 10 mandamentos».

Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, no Cine-Foz, hoje, «O quinto dedo»; amanhã, «O que nós queremos é dinheiro»; quinta-feira, «O homem da vingança».

Necrologia

Major António Rufino Antunes

Faleceu em Faro, realizando-se o funeral para Castro Marim, o sr. major António Rufino Antunes, de 61 anos, natural de S. Bartolomeu (Castro Marim), casado com a sr.ª D. Mariana de Jesus Nunes Antunes. Era pai dos srs. dr. José Justo Alves Rufino e António José Nunes Antunes, empregado bancário; sogro das sr.ªs dr.ª Arlete Sousa Duarte e D. Maria Inês Correia Salgadinho, professora oficial; e avó dos meninos Teresa Paula Duarte Alves Rufino, Ana Isabel Duarte Alves Rufino, José Pedro Duarte Alves Rufino, António Miguel Duarte Alves Rufino, Maria de Fátima Duarte Alves Rufino e Miguel Ângelo Salgadinho Antunes.

Pessoa bastante conhecida e estimada pelo seu trato, o major Rufino Antunes exercia desde há meses as funções de presidente do Município de Castro Marim.

D. Maria dos Santos Marcos Patrício

Faleceu em Vila Real de Santo António, a sr.ª D. Maria dos Santos Marcos Patrício, de 82 anos,

natural de Silves. Era casada com o sr. Manuel Amaro, sargento reformado da G. N. R. e mãe da sr.ª D. Alzira dos Santos Amaro Patrício, funcionária da Secretaria da Escola Industrial e Comercial de Vila Real de Santo António.

As famílias enlutadas apresentam o *Jornal do Algarve*, sentidos pesames.

S. BRÁS DE ALPORTEL



LUCILIA DIAS SANCHO BENTES

MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

António da Conceição Bentes e demais família participam o falecimento no passado dia 3 de Maio de sua querida mulher e parente e que será celebrada missa pelo seu eterno descanso no dia 2 de Junho na igreja de S. Brás de Alportel.

Agradecem a todas as pessoas que expressaram o seu sentimento e a quem não é possível agradecer directamente por desconhecimento de endereços.

Sessão de esclarecimento em Vila Real de Santo António

Na sala do Cine-Foz, de Vila Real de Santo António, que recebeu uma das maiores enchentes de sempre ao abrir as portas à sessão de esclarecimento da comissão concehila local do Movimento Democrático Português, viveu-se na quarta-feira, uma alta jornada de amor à causa da liberdade e democracia com o regresso ao seio dos conterrâneos do poeta e escritor, por treze anos exilado em longas terras, A. Vicente Campinas.

Epifânio Soares Correia foi um mestre de cerimónias simples e natural, a mostrar que o momento não é de colarinhos altos e palavras rendilhadas.

Abriu a sessão o conhecido democrata Joaquim Baptista Correia que salientou o perigo que significam acções que possam fazer perigar o equilíbrio das forças democráticas dentro da vila, pelo que urge sejam neutralizadas pela vigilância do povo. Seguidamente o dr. Clamote apelou para a unidade e de um modo geral teve esclarecimentos sobre o que é a liberdade e como dela se deve usufruir, bem como outros pontos relacionados com a implantação do Movimento de 25 de Abril.

O ponto alto da noite esteve no discurso do dr. Dias Costa que em trabalho de fundo traçou o esboço histórico desde os tempos primitivos da Península Ibérica, passando pela conquista de Lisboa e Alcácer, a influência dos cruzados e da civilização árabe na nossa aprendizagem da arte de marear, os movimentos de cristianização e a presença da rota das Índias nas origens do colonialismo, salientando que a ocupação portuguesa sempre se apoiou no saque e na morte e raramente na ajuda aos povos

Comunicado

A Delegação da DIESE, no Algarve, comunica à sua estimada clientela e a todas as demais pessoas interessadas, que a partir do próximo dia 3 de Junho, estará ao seu dispor para a orientação de esquemas alimentares, das 9 às 12,30 horas e das 14,30 às 18,30 horas na Rua do Alportel, 30-2.º, em Faro, a Nutricionista do nosso Gabinete de Estudos de Nutrição, Senhora Dona Maria Fernanda Teixeira.

As marcações podem ser feitas pessoalmente, ou através dos telefones 26374 e 25265 de Faro.

O dr. Salgado Zenha preside na segunda-feira em Faro a um plenário do Partido Socialista Português

A Federação do Distrito de Faro do Partido Socialista Português promove na segunda-feira, no São Luís Parque, na capital algarvia, um plenário distrital em que usará da palavra os membros do PSP dr. Salgado Zenha (actual ministro da Justiça), eng. Pedro Coelho e Herculano Pires. Será simultaneamente uma sessão de esclarecimento e uma afirmação dos princípios socialistas.

Demonstre o seu carinho com prendas «CARAVELA».

CARAVELA



Vila Real de Sto. António

Colmeias

Vendem-se 10 colmeias cheias de mel, enxames fortes com duas e três alças e 3 ninhos com três enxames novos. Trata Retrosaria Dias — Olhão.

colonizados que escravizou. Traçou depois um cariz do regime deposto e a sua recente e miserável actualização na seca das ilhas de Cabo Verde onde se propunha deixar morrer mais da metade da população à sede para pressionar os movimentos libertadores. Desmistificou as empresas multinacionais e a construção das barragens de Caboroba e Cunene para servir os regimes de minoria branca da África do Sul e Rodésia e a política colonial do governo fascista. Abordou as origens da emigração e o depauperamento das massas trabalhadoras.

De lamentar a velocidade do discurso que se aos mais familiarizados com estes problemas permitiu uma fácil apreensão, por certo foi entrave a uma corrente ideal de aproveitamento pelas massas trabalhadoras a quem em princípio, por óbvias razões, se destinava.

O sr. Ramos Iria e o jovem democrata Vargas, tiveram curtas intervenções. Este último salientou a herança ruinosa do regime deposto que nos legou um país quase aniquilado e amplamente saqueado; fez o alerta de que a Revolução só aparentemente o foi sem sangue, exemplificando os presos políticos e os patriotas resistentes que pereceram ao longo do caminho, vítimas da famigerada PIDE/DGS; e deu uma explicação da razão de ser e objectivo das greves.

Foi orador depois o dr. Café, membro da Comissão Central e da Comissão Distrital do M. D. P. que, depois de ter saudado A. Vicente Campinas, anunciou: «Não traço nada para vos dizer que vos inflama e sim algumas reflexões...». O apelo à serenidade e à meditação seria a nota chave do seu discurso, desmistificando o predestínio dos chefes políticos e o iluminismo dos mesmos, apelando para a reunião, união e deliberação PERMANENTES das classes trabalhadoras.

Falou depois José Padessa, que pôs à aclamação os nomes dos membros indigitados pelo M. D. P. para a Comissão Administrativa da Câmara Municipal. Foi clara no descontentamento dos presentes a menção de ele dos nomes, restandonos que ele saiba, como bom democrata, reconhecer a força dessa vontade.

O último orador foi o homenageado da noite, o patriota resistente A. Vicente Campinas que vivamente emocionado pelo clima da homenagem, salientou ser a hora de vitória e que não deviam as sombras já destruídas do medo apoderar-se do poder de decisão das classes trabalhadoras. Como pedisse desculpa por falar sentado, ouviu da boca de um popular e significativo convite: «Fala à vontade, que a casa é tua!». Constantemente interrompido no seu discurso, saudou o povo da vila e apelou para a fraternidade e compreensão entre os homens.

Encerrou-se a sessão com todos os presentes entoando em coro o Hino Nacional.

José Cruz

Terreno para construção

Vende-se no melhor sítio do Azinhal e arredores. Tratar com Manuel Gomes Eufrásia — telef. 7—Azinhal.



Tele Mira

por Correia da Fonseca

NA GUINÉ

Entrevistado por Luis Filipe Costa, Manuel Alegre revela, de passagem, que nas escolas do P. A. I. G. C. as crianças aprendem o Português e, o que é mais, lêem versos de Camões e sonetos de Antero.

Para o telespectador intoxicado por quarenta e oito anos de informação fascizante, esta é, sem dúvida, uma surpresa. Uma surpresa de onde surgem, de repente, insuspeitadas razões para ter esperança.

Pois, afinal, os nossos interlocutores são outros. Pois, afinal, havia quem nos quisesse encurralar num falso dilema entre a guerra e a indiferença perante os valores portugueses.

Pois, afinal, o que talvez haja a fazer é transmitir Portugal às crianças que o aprendem nas escolas do P. A. I. G. C.

Esse, porém, há-de ser um Portugal sem torcionários nem falsificadores profissionais. Há-de ser o Portugal de Antero e Camões (e também, decerto, o de todos os poetas antifascistas e anticolonialistas que a censura amordaçou). Não o Portugal dos poetas fascistas que a R. T. P. nos impingia como se se tratasse de poetas e gente a valer.

Esse há-de ser um Portugal que vai poder mostrar ao mundo as suas mãos. As nossas mãos. Limpas. Enfim.

Um Portugal que as crianças da Guiné vão poder continuar a aprender nas suas escolas. Com amor. Com respeito.

POEMAS:

Sinto que uma nova vida nasceu e com ela muita coisa em nós Confiantes, esperanças num amanhã melhor.

Sinto que uma nova vida nasceu Mas importante também é pensar que a este glorioso renascer muito de nós teremos de dar. Confiantes, esperanças fiquemos por um bem que já temos: O dom de expressar.

Porque já todo o povo tem todo o povo sente, A ventura deste despertar O confiar deste em frente E vê-se nos olhos brilhantes todo este gritar:

«Vida, sou um novo ser que nasci! Estou vivo, estou aqui! Vida, faço parte de ti E tu Portugal nosso País de quem parte fazemos De ti hoje nos podemos orgulhar, A aspiração de sempre, funda e calada Agora revelada,

já se pode vislumbrar: Liberdade! Alegria! enfim a Paz.

Vila Real de Santo António

G. Neves

Um homem, caiu na estrada, correu o sangue, gota a gota sobre a terra. Outro homem, caiu na estrada, correu o sangue, gota a gota sobre o chão. Naquela estrada, um homem caiu um homem morreu, um povo em guerra. Naquela estrada, o povo venceu!!

3-11-73

Jorge Soeiro

Catarina Eufémia

Catarina, Catarina Baleizão te viu nascer E eras quase menina Quando te viram morrer.

A frente de outras ceifeiras Que pediam paz e pão Três balas traçoceiras Vararam-te o coração.

Acabaram-te com a vida Como se não fosses humana Mas não ficaste esquecida Tu, ceifeira alentejana.

O povo não te esqueceu Ceifeira de Baleizão Que pelo povo morreu Ao pedir a paz e o pão.

Saur

PORTO POÇAS JUNIOR

Um produto da rede distribuidora **PROLAR**
DEPOSITOS - FARO telef. 23669 - TAVIRA telef. 264 - LAGOS telef. 62287
PORTIMÃO telef. 23685 - MESSINES telef. 45306/07/08/09

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

EST.ºS TEÓFILO FONTAINHAS NETO COM.º E IND.ª, S.A.R.L.

Telex 08233-Teleg. Teof. Telef. 45306/07/08/09 - Caixa Postal 1 S. B. de MESSINES - Algarve - Portugal



Algarve turista

Nestes últimos anos, Portugal, sobretudo no Algarve, tem sido um verdadeiro centro turístico. É porque no Algarve encontra-se um clima maravilhoso em qualquer época do ano, céu azul, belas praias, sol dourado, etc.

Mas muitos dos turistas que nos têm visitado, têm comprado o Algarve; e hoje são aí os patrões dos melhores hotéis e dos mais belos pontos turísticos. Tudo isto se deve à inteligência fascista, que sempre amou melhor os enteados que os próprios filhos da pátria. Sobretudo há os que nos têm jogado areia para os olhos, até nos deixar quase às escuras; é por essa razão que se instalaram no Algarve porque é um ponto onde a areia é abundante.

Afinal, pergunto eu: Que fazem os portugueses vendendo Portugal? Isto ainda mais para os grandes capitalistas, porque, como se diz, quem está mal é o rico, porque o pobre sempre se governa.

Nós, os emigrantes já estamos habituados à vida de filhos sem pátria. Até ao 25 de Abril, falava-se apenas no progresso turístico, piscinas, campos de golfe, etc. Espero que antes de mais nada, haja escolas, canalizações de água, de esgotos, estradas, electricidade, telefone etc. Começemos por abrir os caboucos da casa e não pelo telhado. Não será de maior utilidade para todos, tudo isto?

Olhemos para a agricultura que está a morrer; e sem ela? Que se façam barragens, fábricas, etc. Espero que com o novo regime todas estas necessidades sejam vistas e construídas, com a ajuda de todos os portugueses, para um Portugal melhor e livre.

João da Silva Graça

ESCRITO EM JANEIRO

Uma guitarra despertou-me nesta manhã mansa dengosa dum sol alongado e dum céu brilhante

(os camponeses quem os despertou? o frio ou o vento nas telhas?)

E o que eu digo Maria: estas malditas manhãs, Este maldito sol o maldito verde das searas e para cúmulo até as amendoeiras se revestem já das malditas flores.

Não me identifico com a natureza. Não aceito os invólucros. Não vou em fachadas.

Este sol este verde traidores este céu azul e estas flores só servem para embrulhar um presente de natal

muito bonito por fora mas por dentro por dentro oco.

É preciso dizer que nem tudo é sol estúpido sol para os capitalistas fazerem slogans publicitários que atraíam turistas de todo o mundo

para este inverno ensolarado mas mais frio que no pólo norte mas sim disfarçado.

Não olhes só o sol Maria. O sol é pouco — ultrapassa-o. Para lá destes raios os camponeses tremem de frio.

António Nunes Mendes

LAGOS Vende-se

Prédio com rés-do-chão e 1.º andar, duas frentes (uma para o Hotel Lagos, outra para a Rua Vasco da Gama) com a área de 113 m2, ótima situação.

Trata, José Afonso Ferreira — R. de S. João — Rua A, 5 r/c — Telefone 63101 — LAGOS.

Vende-se

Um conjunto de edifícios composto de armazéns e terreno anexo com a área total sup. a 5 700 m2 situado num dos melhores locais da vila de Olhão com três frentes e autorizado para construções.

Tratar com: — J. C. Cruz — Telef. 72314 — Olhão.

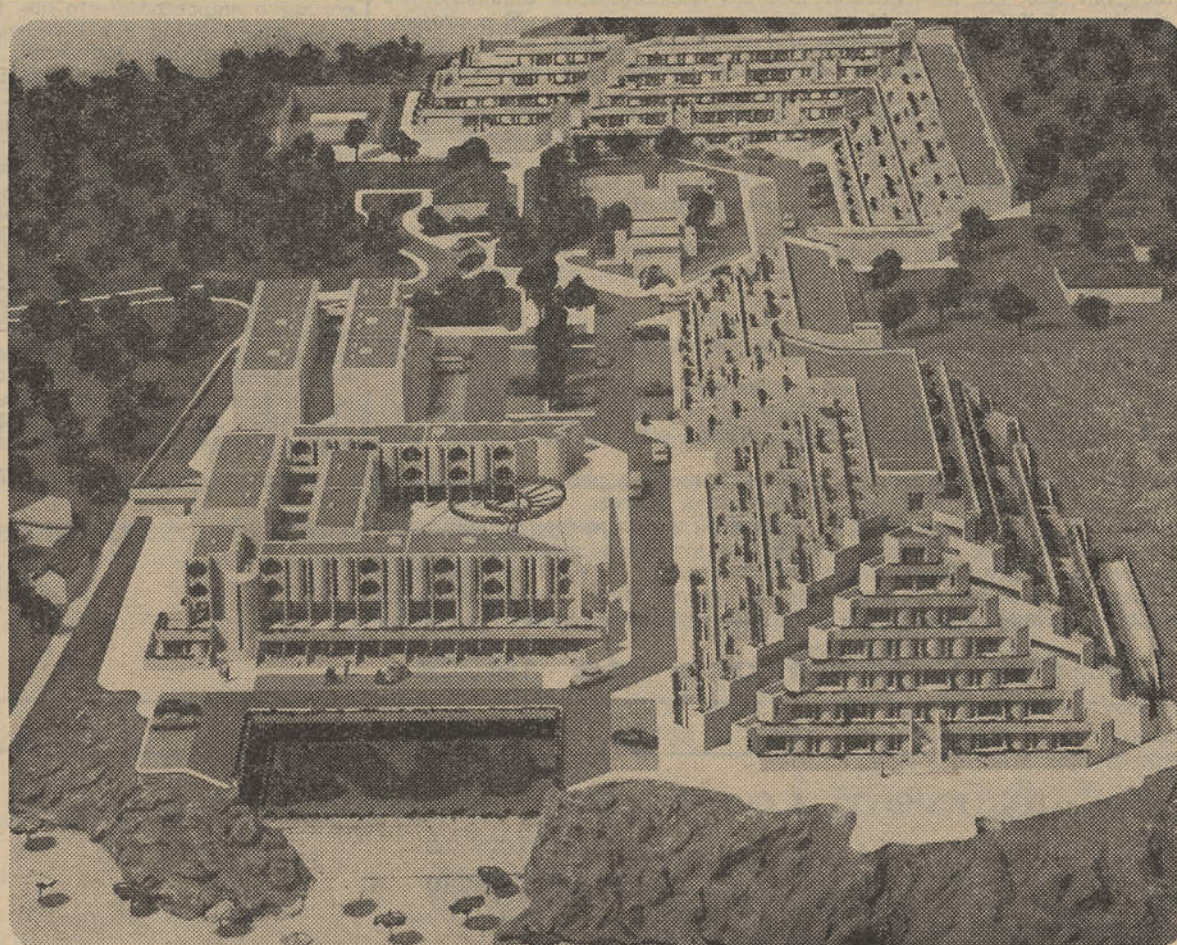
Barcos de pesca e recreio à vela e a motor em poliéster reforçado com fibra de vidro

Construídos por:

APM



R. Convento da Sr.ª da Glória, 25 Telef. 63179 — LAGOS



Clube Praia da Oura — uma revolução arquitectónica; um investimento com aliciantes perspectivas.

garantimos uma revalorização anual do seu investimento

Porque os nossos apartamentos oferecem aliciantes inovações de luxo, sossego e conforto. Porque conhecemos as possibilidades turísticas da Praia da Oura — Albufeira. Oferecemos-lhe, com o Clube Praia da Oura, um óptimo rendimento e garantimos uma revalorização anual do seu investimento. Férias grátis todos os anos no seu apartamento.

Ao **CLUBE PRAIA DA OURA** Apartado 27 - Albufeira - Algarve Solicito mais informações sobre as vantagens comerciais do vosso empreendimento.

Nome _____

Morada _____

Local _____

Telefone _____

CLUBE PRAIA DA OURA

Análise subjectiva

por Sousa Pereira

Sinto-me um ausente de mim próprio, quando sinto esta roupa morder a minha pele. Sinto-me um ausente nas palavras, nos pensamentos. Um ausente!

Onde estás tu Sousa? Onde estás o teu ser? Não sei mesmo se sonho, não me consigo encontrar a mim próprio, no tempo, neste espaço que me absorve e me reduz.

O tempo transforma-nos, e de súbito acordo diferente de mim mesmo — externo, igual a mim mesmo — interno.

Há em mim uma súbita necessidade de ficar, de não partir, de olhar este novo mundo que nasce aqui por dentro e não por fora dele, ou então por fora e não por dentro. Sinto-me ausente, e fico ausente.

No fundo, bem no fundo de mim próprio, continuo a ser eu próprio, e nada me transforma, nem esta roupa que me cobre, nem outra roupa qualquer, nem o próprio 25 de Abril me mudará.

Sou um ausente no exterior, sempre o fui, por isso não preciso de mudar, não preciso de procurar um novo sorriso, um novo método para falar, não me preciso transformar.

Sei que estou ausente, porque de tão farto que estava (para escrever duas palavras, não sei quantas ao meu cérebro tinham de acorrer), nem sei mesmo que escrever. Talvez... sim talvez escrever palavras «subversivas» para terminar: — Fim à guerra colonial.

Ponto à margem

É incontestável que um dos factores preponderantes na entusiástica e incondicional aderência ao movimento que depois a testa de ferro do aparelho burguês-fascista, ou seja o ex-Governo fantoche, consistiu e consiste no cansaço do povo português em manter uma guerra colonial desgastante, onde se obriga a juventude a bater-se por pseudo-ideais, nos quais não chega aliás a ter grande convicção.

Digamos que o golpe das Forças Armadas veio reacender uma esperança, já por muitos perdida, de parar o rápido afundamento da economia, dos recursos humanos, para não falar já do descrédito político perante o mundo, que as condições da nossa presença em África acarretam.

Ao regressar no dia 5 da sua visita-surpresa a Angola, o general Costa Gomes afirmou nomeadamente:

«... É nossa intenção continuar a lutar contra as guerrilhas e essa posição manter-se-á até que os guerrilheiros aceitem a nossa oferta para depor as armas e se apresentem como um partido político geral...».

Qual o significado disto? Que se põe a hipótese de através de eleições livres no Portugal «pluri-continental» vir um Governo negro para Lisboa?

Ou talvez que, aos poucos, se vai descortinando a «solução» africana da Junta...

José M. Bota

N. da R. — Neste momento a solução africana compete ao Governo Provisório e tudo indica que não haverá necessidade de voltar a meter o substantivo entre aspas.

Descarrilamento no apeadeiro do Guadiana

Quando o «rápido» do Algarve se dirigia ao apeadeiro do Guadiana a recolher passageiros com destino a Lisboa, não parou na gare e acabou por embater com fragor no anteparo colocado no final da via, onde uma carruagem descarrilou devido ao choque. Registraram-se prejuízos materiais. Como é natural, o acidente originou atrasos no movimento ferroviário.

José Castel-Branco
MÉDICO ESPECIALISTA DOENÇAS DO CORAÇÃO
CONSULTAS:
2.ª, 4.ª e 6.ª feiras, em Lagos, na Rua Cândido dos Reis, 147.
3.ª e 5.ª feiras em Portimão, às 17 horas, na Rua Dr. Manuel de Almeida, 2-3.º Esq.º
Telef. { Resid. - Lagos - 62771
{ Portimão - 23357

I. A. N. T.
Sanatório Carlos Vasconcelos Porto
Concursos Públicos N.ºs 7, 8, 9 e 10/74

FORNECIMENTO DE CARNES, CRIAÇÃO, HORTALIÇAS E PEIXE FRESCO E AMEJOAS — DURANTE O 2.º SEMESTRE DE 1974

Até às 16 horas do dia 5 de Junho de 1974, aceitam-se propostas em envelope lacrado, para os fornecimentos em referência. As condições encontram-se patentes na Secretaria do Sanatório.

S. Brás de Alportel, 21 de Maio de 1974.

O Director do Sanatório, a) Dr. Medeiros Galvão

DESPERTA POVO

É verdade, a noite avançava silenciosa, sem paz, em direcção ao dia, a caminho de mais sofrer quando de repente uma voz se ouviu e um clarão surgindo nos iluminou.

Uma melodia se escutou, os ruídos do medo silenciaram e os heróis de barro tombaram.

Ali, bem perto do mar, do mesmo mar de sempre que a esperança vã acorrentou ao desaire e ao medo, onde tantas vezes os famintos pregaram aos peixes, caía a geração maldita, rumavam para o passado os terrores.

É verdade, a noite se aproximou rapidamente do dia e os clarões se amontoavam felizes e as vozes anunciavam o Portugal liberto e como ainda era quase noite Portugal pensava sonhar.

Portugal liberto, outra vez repetiram as vozes e as vezes se sucederam com indiscreta alegria.

Portugal liberto.

Palavra, acordem-me sinto-me confuso sem saber quem abraçar. Palavra, sinto-me a dormir depois do pesadelo de sempre.

Neto Gomes

CISUL - Companhia Industrial de Cimentos do Sul, S. A. R. L. - Loulé

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Senhores Accionistas:

O facto mais relevante do exercício findo foi, indubitavelmente, o arranque da nossa unidade industrial. Estamos certos de que os senhores accionistas compartilham plenamente da satisfação que sentimos por termos conseguido realizar, em curtíssimos prazos, o complexo empreendimento a que metemos ombros.

Efectivamente, no lapso de vinte e seis meses, vividos em ritmo intenso, foi possível, no extremo do Sul do Continente, não obstante as dificuldades de transporte, a falta de mão-de-obra, em especial qualificada, e uma aguda carência local de materiais de construção, tanto metálica como civil, foi possível, dizíamos, instalar e colocar em funcionamento a nossa cimenteira.

Como é do vosso conhecimento, no referido período, houve que proceder à procura e localização das matérias-primas indispensáveis à exploração (o calcário, xisto e gesso), o que implicou, conforme foi oportunamente relatado, aturadas sondagens e ensaios laboratoriais, susceptíveis de permitir avaliar e conhecer com segurança as respectivas quantidades e qualidade.

Foi de igual modo necessário estudar a localização da unidade fabril por forma a que, para além da proximidade das matérias-primas, se obtivessem as vantagens do relativamente fácil acesso a um centro urbano, a vias de comunicação e a fontes de energia.

Houve ainda que tomar em conta o desenvolvimento turístico da região algarvia e, por consequência, procurar uma implantação da fábrica que a furtasse às vistas de quem circulasse nas estradas próximas.

Nos mesmos vinte e seis meses, realizado o concurso para o fornecimento da fábrica em regime «chave na mão», seleccionadas as propostas e feita a adjudicação, executou-se o projecto da cimenteira.

Igualmente se elaborou o projecto de instalações acessórias, compreendendo escritórios, armazéns, oficinas e instalações sociais (pousada, refeitório do pessoal, etc.).

Para que a fábrica, como se disse, pudesse beneficiar duma protecção natural e não fosse, praticamente, visível da estrada que conduzia às imediações, foi implantada numa baixa entre cerros.

Tal opção determinou a necessidade de construção de acessos, tendo sido necessário projectar e executar uma estrada com cerca de 3 Km e projectar um ramal ferroviário com cerca de 5 Km. Dentro de uma política coerente de incentivos e de acordo com a prática oficial em casos idênticos, esperamos vir a beneficiar de comparticipação para estas obras, que, além da fábrica, servem directamente a região.

As grandes necessidades de água duma instalação fabril como a nossa implicaram igualmente, ainda e sempre no mesmo prazo, trabalhos de pesquisa, sondagem e captação para as quantidades suficientes.

Tornou-se ainda indispensável proceder à montagem — e suportar o respectivo custo — de novas linhas de alta tensão para o fornecimento de energia. Um só índice é expressivo, não apenas da importância dos trabalhos efectuados, mas também da relevância do empreendimento CISUL no Algarve e em toda a Região Sul do Planeamento: o consumo de energia eléctrica da fábrica corresponde a um quarto do consumo total de energia no Algarve.

Por outro lado, os trabalhos de urbanização no local escolhido, dada a natureza extremamente rochosa do terreno, obrigaram à realização de difíceis terraplenos.

Ainda e sempre no mesmo período de vinte e seis meses, houve que promover a execução das redes de abastecimento de água para toda a fábrica, de esgotos de águas pluviais e domésticos, de energia eléctrica (força motriz e iluminação) e de telefones.

Fez-se ainda a construção civil dos edifícios fabris e anexos, bem como a montagem do equipamento nacional e importado, correspondendo a uma moderna linha de fabrico, por via seca, e com elevado grau de automatismo: toda a fábrica, à excepção das secções de britagem e encaçagem, é comandada duma sala e este comando centralizado foi concebido de forma a poder vir a ser pilotado por computador.

Podemos inclusivamente afirmar que teríamos conseguido executar a obra em vinte e quatro meses se não fora a crise do dólar no Verão de 1971, que provocou um atraso de precisamente dois meses na estrada em vigor dos nossos contratos com o estrangeiro, por demora na concessão das necessárias autorizações por parte das autoridades monetárias.

O delineamento, ainda que a traços muito largos, das realizações cumpridas de há vinte e seis meses a esta parte permite-nos dar melhor a ideia do que, naquele período, significou pôr de pé e a laborar a nossa unidade cimenteira; e justifica o desvanecimento e alguma emoção com que olhamos o que foi possível erguer do nada, através do empenhamento e constante esforço de todos os colaboradores da empresa aos diversos níveis hierárquicos.

Apesar das características de automatização que foram imprimidas à fábrica, tornou-se necessário construir quadros significativos de pessoal empregado e operário, efeito para o qual a empresa recorreu, sempre que possível, ao recrutamento de mão-de-obra da região, a qual, na maior parte dos casos, se dedicava à actividade agrícola ou a outras ocupações indiferenciadas.

Houve assim que promover acções de formação, igualmente em ritmo intenso, algumas das quais mediante estágios profissionais efectuados em França, com a colaboração de uma das grandes empresas cimenteiras do Mundo: Ciments — Lafarge.

Tal facto tem-nos permitido superar as próprias dificuldades que, neste e noutros campos, oferece um fornecimento «chave na mão», de modo que, antes do final do ano, a fábrica passou a ser exclusivamente dirigida e conduzida por técnicos e trabalhadores portugueses.

Não foi só no domínio da localização e implantação da fábrica que se teve permanentemente presente o propósito de adoptar providências adequadas à preservação do meio ambiente.

Apesar do vultoso investimento adicional daí resultante, o fornecimento adjudicado incluía um sistema de equipamento antipoluição, ex-

pressamente exigido como devendo corresponder ao que de mais moderno e mais eficaz existisse ao nível mundial.

Já decorrido mais de um ano sobre a adjudicação desse equipamento, tivemos a satisfação de verificar que uma cimenteira francesa de igual modo equipada recebia do Ministro do Ambiente o prémio nacional para uma «indústria limpa».

Pr isso mantivemos a maior serenidade perante as restrições que, nessa matéria, foram de boa fé postas ao empreendimento, muito menos nos preocupando os injustificados ataques movidos ao mesmo por quem se determinava por interesses não coincidentes, em nossa opinião, com as verdadeiras exigências do desenvolvimento económico e social do Algarve.

Os factos vieram confirmar plenamente a nossa confiante expectativa, pois passámos a dispor de uma unidade industrial que, pela primeira vez no País, se apresenta autenticamente não-poluente.

Ao contrário do que profetizavam algumas críticas apressadas, temos uma cimenteira que não deixa fumo.

Será agora altura de se verificar a sinceridade de alguns defensores do meio ambiente: essa defesa, tanto como a concorrência leal — uma vez que o equipamento instalado representa avultado investimento —, exige que sejam idênticamente equipadas todas as cimenteiras portuguesas.

Referidos sucintamente os principais aspectos ligados à entrada em funcionamento da nossa fábrica, cumpre-nos ainda dar-vos conta das orientações adoptadas perante os problemas fundamentais surgidos ao longo do exercício.

Salientamos os seguintes factos:

a) Características do produto

A excelência das matérias-primas, a modernidade das instalações e a técnica do fabrico conduziram à obtenção de um cimento de alta qualidade.

Com efeito, os índices de resistência do cimento produzido na fábrica de Loulé superam em muito os valores regulamentares.

Pelo interesse que o mesmo reveste para os senhores accionistas, reproduz-se, em anexo ao presente relatório, o resultado de dois ensaios efectuados ao cimento CISUL pelo Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

Apesar de se tratar de um supercimento, vendido como Portland normal, resolvemos não alterar a composição das matérias-primas.

b) Comercialização

Entregámos a comercialização do nosso cimento a uma empresa em que participamos — a PRECIPOR, Materiais de Construção de Portugal, SARL — e na qual desempenhamos as funções de Presidente do Conselho de Administração.

Em tal decisão pesou fundamentalmente o facto de serem, de certo modo, avultados os encargos inerentes à comercialização do cimento, produto que, como se sabe, tem uma baixa relação valor/peso.

Nestes termos, oferece maior interesse a distribuição dos custos de comercialização (incluindo os transportes) por mais de um produto, como é próprio de uma sociedade com objecto comercial.

Por outro lado, a CISUL gozará da garantia de escoamento total da sua produção e ficará isenta dos riscos correspondentes, visto que o contrato celebrado, embora renovável, tem validade apenas anual.

c) Ampliação da capacidade

Entendemos que devíamos solicitar a indispensável autorização oficial para a montagem de uma segunda linha de fabrico, que permitirá duplicar a capacidade actualmente instalada com um investimento inferior a metade do exigido para uma nova fábrica de igual dimensão.

A pretensão encontra-se, neste momento, pendente, de decisão da Administração Pública.

Pelo seu interesse para os senhores accionistas, transcrevem-se em anexo o pedido formulado e a resposta por nós deduzida às oposições que o mesmo suscitou.

d) Participações financeiras

No decorrer do exercício, as participações financeiras tomadas pela empresa consubstanciaram-se em 100 acções de cada uma das seguintes sociedades: PRECIPOR, NEFELE, ECUBAL e SOLARIUM.

Foi anteriormente referida a justificação da posição accionista assumida na PRECIPOR.

Quanto à NEFELE — Companhia Industrial de Sienitos Nefelínicos, S. A. R. L., também parece evidente o interesse da participação, na medida em que, em determinada fase da transformação industrial dos sienitos nefelínicos, se obtém o cimento como suproduto. E o projecto da NEFELE visa o aproveitamento económico daquela matéria-prima a partir das únicas jazidas existentes em Portugal, que são as da serra de Monchique.

Dada a integração geográfica do nosso empreendimento, decidimos colaborar financeiramente em algumas iniciativas de carácter social na região algarvia, o que explica as tomadas de capital na ECUBAL — Empresa Cultural de Barros Brancos, S. A. R. L. e na SOLARIUM DE LOULÉ — Sociedade Promotora de Actividades Recreativas, S. A. R. L.

e) Aumento do capital

Vai o Conselho de Administração apresentar à Assembleia Geral Extraordinária uma proposta tendente ao aumento do capital social para 200 000 contos.

O aumento justifica-se pela conveniência de dar mais adequada expressão aos capitais próprios da empresa em face do volume atingido pelo investimento.

Em nossa opinião, a elevação do capital deverá efectivar-se no primeiro semestre de 1974, pela emissão de 50 000 acções de 1 000\$00, ao valor nominal e com reserva de preferência para os accionistas.

No que respeita ao balanço e conta de lucros e perdas apresentados, julgamos que eles oferecem a necessária clareza, reflectindo, com exactidão, a situação económica, financeira e patrimonial da empresa.

Permitimo-nos, simplesmente, chamar a vossa atenção para o facto de termos procurado observar cuidadosamente os critérios valorimétricos estabelecidos nas disposições legais em vigor, valorizando-se as matérias-primas, materiais de fabricação e materiais auxiliares e peças

de reserva aos preços reais de aquisição e os produtos em curso de fabricação e os produtos fabricados a custos directos industriais.

Considerando que o início da produção à escala industrial só se consumou nos dois últimos meses do exercício, e conforme estava previsto nos estudos oportunamente entregues a autoridades oficiais e a entidades financeiras, não se efectuaram amortizações da linha de fabrico.

Pela mesma razão, as reintegrações efectuadas (em viaturas e alguns equipamentos) foram-no apenas em relação ao período de seis meses, correspondentes ao tempo a partir do qual os bens em causa, anteriormente aplicados nos trabalhos de montagem, passaram a estar afectos à exploração.

Por assim ser, os custos de produção aparecem muito baixos (não incluem reintegrações do equipamento principal) e os concorrentes encargos administrativos sobrecarregados por, de um lado, incluírem todos os serviços de assistência técnica referentes à fase de arranque industrial após o período experimental e, de outro lado, estarem adequados a um volume de vendas de 50 000 toneladas produzidas em 60 dias.

A necessidade de criar um stock de clínquer adequado — indispensável para prevenir qualquer eventual paragem — levou, porém, a que o início das vendas só se processasse depois de atingido tal stock de garantia.

O stock de clínquer efectuado (cerca de 32 000 toneladas) foi valorizado, como oportunamente se referiu, apenas a custos proporcionais, excluídas as reintegrações.

Esta nos pareceu a política mais consentânea com a verdade do exercício, não desvirtuando os custos de produção.

No que ao futuro concerne, salientando exclusivamente projectos em curso, queremos destacar que o cuidado que sempre tivemos quanto à não agressão do meio ambiente não levou a contratar um reputado arquitecto paisagista para projectar e dirigir todo o enquadramento da fábrica.

Procuramos assim ir dando corpo a uma realização que tornará a nossa cimenteira a primeira «fábrica verde» portuguesa.

Entretanto, esperamos que no corrente ano se proceda à inauguração oficial da unidade fabril.

O final do ano de 1973 foi vivido sob influência da chamada crise energética.

Se as opções, oportunamente tomadas, quanto à concepção e processo de fabrico da nossa fábrica se revelaram adequadas, conduzindo a que os encargos derivados do aumento do preço de «fuel» sejam bastante inferiores aos das cimenteiras que utilizam processos menos modernos (designadamente, a via húmida), o crescente aumento do preço da energia não pode deixar de considerar-se preocupante.

Por tal facto, e pela complexa conjugação de problemas que afectam neste momento a indústria nacional, nos parece assumir particular importância o modo como vier a ser dada efectividade-prática à regulamentação da Lei de Fomento Industrial.

Como escreve Lionel Stoleru, «aos industriais não é possível, mesmo com a maior energia, vontade, entusiasmo e dinamismo, pôr em actuação empresas competitivas se o «clima» económico e social não é próprio, se as infra-estruturas não são acessíveis, se os capitais e o crédito são inabundáveis, se a fiscalidade se opõe à racionalidade». («In L'Imperatif Industriel».)

Senhores Accionistas:

Como se apura da Conta de Resultados, o saldo líquido do exercício cifra-se em 694 267\$80.

Depois de feita a dedução (5%) para o Fundo de Reserva Legal, propomos que o remanescente, de Esc. 659 554\$41, transite para conta nova.

Isto corresponde a não dar cumprimento, neste ano, à alínea b) do art.º 28.º dos Estatutos, o que se justifica pelos diminutos quantitativos unitários que a distribuição aí determinada implicaria.

No fecho do relatório alusivo ao exercício que culminou com o arranque da fábrica de Loulé, não podemos deixar de, mais uma vez, exprimir sincero reconhecimento ao Governo por ter confiado na nossa capacidade de realização, outorgando-nos a licença necessária para corporizar o empreendimento que concebemos.

A compreensão das diversas entidades oficiais, desde a Direcção-Geral dos Serviços Industriais até à Direcção-Geral de Saúde através da sua representação no Distrito de Faro, devemos muito de quanto conseguimos alcançar.

Para além do apoio creditício já registado nos anteriores relatórios, foi importante no exercício a que nos reportamos a colaboração financeira do Banco de Fomento Nacional, mediante a concessão de financiamento directo e indirecto ao investimento. No seguimento de anteriores operações e noutras de interesse para a empresa deram-nos especialmente a sua assistência o Banco Fomsecas & Burnay, o Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, o Crédito Predial Português, o Crédit Franco-Portugais e o Banco Nacional Ultramarino.

É justa uma palavra de apreço em relação aos colaboradores da empresa, cujo esforço dedicado e generoso foi decisivo para se poderem vencer as dificuldades inerentes ao começo da laboração. A todos, dos mais elevados aos mais modestos postos, deixamos consignado o nosso agradecimento e a expressão da nossa estima e consideração.

A Mesa da Assembleia Geral e ao Conselho Fiscal estamos também gratos pela cooperação que quiseram dispensar-nos.

Lisboa, 21 de Janeiro de 1974

O Conselho de Administração,

Mário Augusto Gaspar (Presidente)
Manuel António Baptista Macara
João Nuno Pimenta Serras e Silva Pereira

Balanço em 31 de Dezembro de 1973

ACTIVO		PASSIVO			
DISPONÍVEL		EXIGÍVEL A CURTO PRAZO			
Caixa e Depósitos em Bancos	20 060 544\$30	Fornecedores (Laboração)	5 554 379\$10		
REALIZÁVEL		Accionistas - Credores por juros intercalares	3 705 696\$70		
Clientes	8 301 195\$40	Encargos Estatais, Paraestatais e Diversos a pagar	1 948 179\$70	11 208 255\$50	
Devedores Diversos	8 487 710\$80	EXIGÍVEL A MÉDIO E LONGO PRAZO			
Letras a Receber	9 591 150\$50	Fornecedores (Investimentos)	10 899 198\$00		
EXISTÊNCIAS		Financiamentos	498 780 426\$30	509 679 624\$30	520 887 879\$80
Matérias-Primas	185 039\$00	SITUAÇÃO LÍQUIDA ACTIVA			
Combustíveis e Carburantes	626 155\$60	Capital	150 000 000\$00		
Materiais de Fabricação	1 327 515\$70	Lucros e Perdas			
Materiais Auxiliares e Peças de Reserva	8 634 165\$70	Resultado do Exercício	771 473\$20		
Embalagens	1 258 878\$60	Menos: saldo do exercício anterior	77 205\$40	694 267\$80	150 694 267\$80
Produtos em Curso de Fabricação	6 936 900\$00				
Produtos Fabricados	58 089\$80	CONTAS EXTRAPATRIMONIAIS			
IMOBILIZADO	19 026 744\$20	Credores por Acções em caução	450 000\$00		
Imobilizações Incorpóreas	13 600 995\$80	Responsabilidades Paraexigíveis	334 804 532\$00	335 254 532\$00	
Imobilizações Corpóreas	537 824 733\$60				
— Reintegrações	602 669\$30				
Imobilizações em Curso	28 360 100\$40				
Participações Financeiras	350 000\$00				
CONTAS TRANSITÓRIAS E DE REGULARIZAÇÃO					
Encargos Diferidos	11 277 662\$90				
Adiantamentos por Fornecimento em Curso	15 303 979\$20				
		26 581 642\$10			
		671 582 147\$60			
CONTAS EXTRAPATRIMONIAIS					
Acções em caução	450 000\$00				
Responsabilidades Para-realizáveis	334 804 532\$00				
		335 254 532\$00			
		1 006 836 679\$60			

Lojas em Faro

Vendem-se ou trocam-se por terrenos ou casas velhas.
Resposta para o apartado 154 de Faro.

Quando for viajar
lembre-se que a STAR lhe pode reservar e emitir bilhetes para qualquer parte do Mundo. Podemos poupar-lhe um tempo precioso, sempre que precisar de

PASSAGENS
de avião, de barco, de autocarro ou de comboio, rigorosamente aos preços oficiais. Proporcionamos-lhe também o aluguer de automóveis com ou sem condutor em Portugal e em todo o Mundo.
PAGUE SUAVEMENTE COM O CREDI-STAR
STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Lisboa - Estoril - Faro - Funchal - Madeira
R. CONSELHEIRO BIVAR, 36
TELEF. 23986 - FARO

O Hospital de Lagos desencadeia movimento da população

(Conclusão da 1.ª página)

— outro hospital e a falta do da Misericórdia muito se faz sentir. Num momento em que um médico, fazendo-se eco das aspirações de todo o concelho quanto ao «seu» hospital, abordou o problema em reunião pública, pareceu-me oportuno procurar o provedor da Misericórdia e saber, ao certo, o que se passa.

Durante várias gerações, doações e heranças diversas aumentaram o património da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia, que neste momento possui, entre outros de menos valor, um terreno urbanizável no Rossio da Trindade. Por isso, quando, depois do sismo, a irmandade teve de tomar uma decisão, foram postas as hipóteses de reconstruir o existente ou de edificar um novo e amplo hospital. As verbas a despendar, claro está, eram bem diferentes e o problema punha-se essencialmente na dúvida se a área até então ocupada chegaria para a instalação de quanto é necessário a um estabelecimento hospitalar moderno.

Optou-se pela reconstrução e, com uma verba de mais de dois mil contos, atribuída pela Direcção-Geral das Construções Hospitalares e para a qual a irmandade participou com uns duzentos contos, transformou-se um monte de escombros num edifício pequeno mas modelar. Nele se instalou equipamento do mais moderno existente no Algarve, tendo esse apetrechamento orgado em mais de mil contos, participados integralmente por aquela Direcção-Geral e pela Direcção-Geral de Saúde.

Entretanto, as obras concluíram-se (ou estão praticamente prontas) e o hospital não abre. Porquê?

Por falta de médicos, esclarece-nos o seu provedor. O rendimento anual da Misericórdia anda pelos 170 contos — 70 de um subsídio da Direcção-Geral de Saúde (eram 30), 30 da Câmara Municipal de Lagos (eram 5 até 1971), 18 de juros de 2% de papéis do Estado (o valor da venda dos bens das misericórdias é convertido em papéis de crédito do Estado e rende o juro de 2% ao ano), e o restante de rendas de bens imobiliários e da quotização de uns duzentos irmãos (na maioria quotas de 1\$00 e 2\$50).

Numa reunião havida no salão da Câmara de Lagos, um dos cinco médicos então estabelecidos na cidade pediu a importância de 30 000\$00 mensais para que, entre eles e na medida das suas disponibilidades, fosse assegurada a assistência médica ao hospital.

Sabendo dos muitos clientes que todos eles atendem em seus consultórios, para além do serviço prestado na Caixa e outros organismos, pensou a Mesa da Misericórdia que não era essa situação de «dentro das suas disponibilidades» a que garantia uma pronta assistência a quem tivesse que recorrer ao hospital.

E, como sem médicos o hospital não pode abrir e nas conversações particulares não foi ainda possível

arranjar médico vindo de fora, também não foram admitidos enfermeiros. A Direcção-Geral de Saúde havia prometido pagar a médicos e enfermeiros, mas nada está escrito. De qualquer forma, nunca a Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Lagos abriu concurso para a admissão de pessoal.

Ouvindo o senhor José d'Abreu Pimenta ou qualquer outra pessoa que, nestes últimos anos, tenha trabalhado ou tido responsabilidade na direcção do hospital, ficamos pensando que mais não se fez por mais não ser possível. Uma visita às instalações remodeladas dá-nos, até, a prova de que muito já está feito, e obra que não envergonha a cidade. Mas a verdade é que se continua a morrer em Lagos por falta de assistência hospitalar.

Alguém, um dia, afirmou que Lagos tem o hospital que merece. Para ser membro da Irmandade proprietária do hospital basta ter 21 anos ou ser emancipado, ter boa conduta moral e civil e, sendo homem, ter profissão ou bens de raiz. Portanto, qualquer pessoa honesta pode associar-se e ser eleita para a Mesa Administrativa.

Têm passado muitos três anos (tempo de administração de cada mesa) e os responsáveis são sempre os mesmos, porque outros não aparecem com mais vontade de servir. Saliente-se, mesmo, que desde que o dr. Tello deixou de ser provedor, não mais a Misericórdia teve a dirigi-la quem soubesse como funciona um estabelecimento hospitalar. E é também verdade que se vivia numa época em que certas pessoas tinham a obrigação social de condescender a pertencer à direcção das associações e que, quando da escolha, ficava logo assente que não seria necessário gastar tempo com o cargo. Portanto, por muito pouco que uma direcção fizesse era já testemunho de louvável espírito de iniciativa.

Não é agora altura de pensar no que podia ter sido feito e se não fez. Lagos, agora acordada, encontrou de herança umas instalações impecáveis, onde pode funcionar um posto de primeiros socorros modernamente apetrechado. E nem eu, nem aqueles que gostam de atirar pedras, mexemos uma palha para abrir e tal fosse possível.

As boas vontades que agora surgem, trazem consigo pessoas de muito valor, pessoas com iniciativa, com o espírito de luta necessário para abrir e manter em funcionamento o hospital da Misericórdia de Lagos. Em poucos dias, o número de irmãos duplicou. Em 2 de Julho, segundo estatutos de 1926, poderá haver uma assembleia geral ordinária para eleição da Mesa, já que o mandato que terminou o ano passado aguarda aprovação de nova lista (em princípio a mesma, mas que não obteve aprovação do Governo Civil).

Segundo os mesmos estatutos — e escolhendo-se o dia 2 de Julho para a assembleia geral — todos os lacobrigenses empenhados na reabertura do hospital poderão pe-

viagens apolo 74

EM AVIÃO

MADEIRA 8/15 dias desde 2.900\$00

MAIORCA 8/15 dias desde 3.240\$00

CANÁRIAS 8/15 dias desde 3.320\$00

EM AUTOCARRO

PRAIAS DO MEDITERRÂNEO 8/15 dias desde 2.290\$00

NO SEU CARRO

BENIDORM 8 dias desde 525\$00

TORREMOLINOS 8 dias desde 1.770\$00




LONDRES 8/15 dias desde 2.990\$00

LONDRES E ESCÓCIA 8 dias desde 6.230\$00 (Viagens em avião)

viagens apolo

Consulte a sua Agência de Viagens habitual

DANCENE I HULHIL

LIBERDADE RESPON-SÁVEL

Decorrido um mês após o nascer de uma nova era da vida nacional, nós, os responsáveis desta modesta secção, porta-voz dos interesses locais e mensageiro dos padernenses que, amando a sua terra, desejam acima de tudo um Portugal maior, no qual o amor, a paz e a prosperidade sejam as constantes e vivas, mais uma vez, ao encontro dos leitores. Fomos dos primeiros a exultar com o movimento de libertação levado a cabo pela Junta de Salvação Nacional que abriu novas perspectivas ao nobre País a que pertencemos. Manifestámos, neste jornal que admiramos pela sua acção liberal em defesa dos supremos interesses regionais e nacionais, abdicando de todos os favores de personagens mesquinhas e não alinhando no jogo fácil dos elogios imerecidos e nas publicidades doutrinárias de um sistema político condenado ao malogro, toda a imensa alegria dos padernenses e a esperança de melhores dias para todos os portugueses.

A liberdade é dos mais sublimes prazeres que ao homem é dado, liberdade na acção, no pensamento e na expressão, mas é preocupante a maneira com nos usamos essa liberdade recém-conquistada. Ela não deverá ser utilizada como arma para ferir a dignidade do homem e que possa prejudicar todas as estruturas nacionais. Abusa-se das greves desordenadas, sem um carácter oficial que só os sindicatos, organismos representativos dos trabalhadores deveriam orientar e unicamente quando em situação de impasse por não serem aceites pelas entidades patronais ou órgãos seus representantes as reivindicações dos empregados. Mas não se espera, exigindo-se de imediato a materialização de necessidades acumuladas durante anos e anos, sem se analisarem as possibilidades das empresas para fazerem face a tais aumentos de encargos. De cabeça quente, esquecendo o respeito que nos deve merecer a pessoa humana, ofendemo-nos mutuamente, reavivando querelas antigas, provocando tempestades num copo-de-água, arrastando-nos em situações de irresponsabilidade, nada dignificantes.

Há que saber utilizar essa liberdade, tão afanosamente conquistada, procurando a união entre todos os portugueses, união que nos levará à consolidação da vitória alcançada na radiosa manhã de 25 de Abril. Mas façamo-lo com amor, paz e trabalho, desmentindo aqueles que com alguma razão a denominam de liberdade carnavalesca. Mostremos que o civismo não é palavra vã e que sabemos dignificar o País, produzindo trabalho, mola real da economia que desejamos ver restaurada e do progresso que se impõe.

REUNIÃO DEMOCRÁTICA

Realizou-se, no domingo, no salão de festas da Casa do Povo, nova sessão de esclarecimento quanto ao actual momento político. O vasto salão foi insuficiente para comportar os padernenses que a ela quiseram assistir. Aliás, a população tem sido receptiva a estes movimentos e se, na primeira sessão, abusou de certas liberdades de expressão, motivadas por reconhecida imaturidade política, desta vez soube comportar-se com dignidade e civismo escutando as explicações do dr. Luis Filipe Madeira, cujas palavras agradaram a todos, identificando-os com os momentosos problemas da situação política.

CONFRATERNIZAÇÃO JORNALÍSTICA

O nosso camarada Candelas Nunes sugeriu que todos os colaboradores deste jornal se deveriam reunir numa jornada que servisse de confraternização e onde se debatessen problemas de interesse para a imprensa regional. O nosso outro camarada Manuel Faria a quem tal como a Candelas Nunes e a quase todos os demais não conheço pessoalmente, aderiu a esse alvitre, sugerindo que ela se realizasse numa tarde de sábado, possivelmente na capital sulina ou arredores — por que não Vale de Lobo, Quarteira ou Albufeira? Para já, a minha adesão, desejando somente que a direcção do jornal defina o local, indicando a data e que nela possam estar presentes todos os colaboradores do mais liberal jornal do Algarve, não esquecendo os nomes do dr. Mateus Boaventura, dr. Carlos Albino, Torquato da Luz e outros que com maior ou menor assiduidade valorizam o jornal e dignificam a Imprensa regional.

Arménio Aelúia Martins

JANELA DO MUNDO

(Conclusão da 1.ª página)

cretos-leis todos os projectos apresentados em período eleitoral. Efectivamente, esta é uma decisão com interesse e que deve ser tomada em conta por todos aqueles que em situações semelhantes não se preocupam com as realidades e fazem toda a espécie de promessas na mira dos votos da nação. Não será este o caso de Giscard d'Estaing que como ministro das Finanças sabe bem aquilo que pode prometer e o que pode cumprir.

Sob o ponto de vista externo, a manutenção em França de um governo das direitas vem consolidar os projectos da Comunidade Económica Europeia e reforçar os tratados políticos com os aliados. Mas não só. Vem também dar um certo alívio ao governo de Madrid,

que temia ficar entre dois focos — Lisboa e Paris — fortemente democráticos. Quanto a nós, é motivo de alerta para o novo governo português, embora a vitória fosse pouco significativa. Já não é a primeira vez que o eleitorado francês, perante a opção, escolhe o caminho tradicional dos conservadores, evitando uma vitória que parecia clara também agora dos elementos das esquerdas. Mas acaba por vencer a corrente pequeno-burguesa que teme as mudanças políticas e as suas consequências, de ordem económica. Neste momento, porém, d'Estaing tem graves compromissos para com o eleitorado francês. E há uma forte corrente socialista-comunista que está atenta aos acontecimentos.

Em Itália, venceram os partidários do divórcio, num referendo que apoiou o país, pôs em aque a Igreja e interessou todo o Mundo.

A lei sobre o divórcio teve grande aceitação, acabando por ser votada por uma boa maioria, o que significa um golpe para o governo e para o partido cristão-democrata.

Outros países que assinaram a Concordata com a Santa Sé, incluindo o nosso, esperam ver revista essa posição para acabar de uma vez com situações ilegais, que só provocaram danos morais e até prejuízos para a própria Igreja.

Todos os problemas deste género que implicam a liberdade e a acção das pessoas, não podem ser resolvidos por meio de leis que restrinjam essa liberdade, pois isso leva à revolta e à queda na ilegalidade, o que é muito mais grave para o meio social, criando situações absurdas e incongruentes.

Mateus Boaventura

Urgente inquirido aos que saquearam o património artístico e arqueológico do Algarve

(Conclusão da 1.ª página)

como as da Abicada, Alcalar, Estói-Milreu, Bensafim, Boca do Rio e tantas outras só vêm demonstrar de forma inequívoca a incapacidade total dos Pelouros de Arte e Arqueologia, existentes nas Câmaras Municipais, de resolver e tomar medidas adequadas para a sua protecção e conservação.

Daqui lançamos o nosso grito de esperança e fé no futuro, para que todos os colecionadores privados e os caçadores de tesouros, indivíduos que só vislumbram os seus interesses pessoais, sejam vigiados e combatidos com medidas adequadas e que urge estabelecer.

Esses novos corsários, é necessário e urgente levantar um inquérito, para avaliar até que ponto a sua nefasta actuação provocou irreparáveis prejuízos, e que todas as suas «privadas colecções» sejam colocadas em museus, para que a arqueologia passe a ser, efectivamente, uma ciência do Povo e para o Povo.

Francisco José Carrapico

Comité de Faro do Partido Comunista Português

O Comité do Partido Comunista Português, abriu a sua sede no Largo do Mercado, 25-5.ª, na capital algarvia, onde funciona das 9 às 21 horas.

No seu comunicado, o Comité convida os simpatizantes a visitar a sede e a proceder à inscrição.

CISUL - Companhia Industrial de Cimentos do Sul, S. A. R. L. - Loulé

Conta de Lucros e Perdas — Exercício em 31 de Dezembro de 1973			
RESULTADO DA EXPLORAÇÃO			
VENDAS		8 279 082\$00	
CUSTO DOS PRODUTOS FABRICADOS VENDIDOS		3 826 691\$80	
	Lucro Bruto	4 452 390\$20	
RECEITAS DIVERSAS			
Descontos de pronto pagamento obtidos	123 922\$70		
Juros de depósitos bancários	28 657\$90		
Outras receitas	71 755\$90	224 336\$50	
ENCARGOS ADMINISTRATIVOS			
Corpos sociais	461 940\$50		
Direcção	394 575\$00		
Pessoal	790 376\$20		
Expediente	130 341\$60		
Comunicações	40 149\$20		
Publicidade	38 465\$60		
Transportes	233 536\$80		
Acção Social	228 620\$70		
Estudos	581 118\$30		
Outros encargos	840 526\$20	3 739 650\$10	
ENCARGOS DIVERSOS			
	75 099\$00		
REINTEGRAÇÕES			
	331 820\$30	4 146 569\$40	
Lucro Líquido da Exploração			
		530 157\$30	
RESULTADOS ALHEIOS A EXPLORAÇÃO			
		241 315\$90	
Resultado do Exercício			
		771 473\$20	
SALDO DO EXERCÍCIO ANTERIOR			
		77 205\$40	
Saldo Credor da Conta de Lucros e Perdas			
		694 267\$80	

O Técnico de Contas
José Trindade do Carmo Rocha

O Conselho de Administração,
Mário Augusto Gaspar — Presidente
Manuel António Baptista Macara
João Nuno Serras Pereira

Relatório e Parecer do Conselho Fiscal

Senhores Accionistas

De harmonia com a lei e os estatutos sociais, cumpre-nos submeter à apreciação de V. Ex.ª o nosso parecer sobre o relatório do conselho de administração e as contas do exercício findo em 31 de Dezembro de 1973.

Acompanhando, como nos competia, a actividade da empresa ao longo do ano, mantivemos o necessário contacto com o referido conselho, de quem recebemos sempre amplas informações e esclarecimentos a respeito das decisões tomadas para a consecução dos objectivos de promover a rentabilidade da exploração fabril, o equilíbrio financeiro a curto e médio prazos e a definição das estruturas.

Verificámos, com a regularidade que a lei determina, as contas e a documentação que lhes serve de suporte, tendo sempre achado umas e outra em boa ordem.

Damos o nosso acordo para os critérios valorimétricos praticados, quer no campo das existências quer no das imputações efectuadas à conta «Ganhos e Perdas».

Pelo exposto, temos a honra de propor:

- 1.º — Que aproveis o relatório e as contas submetidas pelo digno conselho de administração à vossa apreciação;
- 2.º — Que aproveis a aplicação proposta por aquele conselho para o resultado do exercício;
- 3.º — E que aproveis ainda um voto de louvor ao conselho de administração pela sua criteriosa gerência.

O Conselho Fiscal
Fernando de Moura e Silva — Presidente
Carlos Manuel Almeida Borges
Fernando da Silva Pereira

Vende-se

Armazém com 2 500 m², tendo 1 000 m² cobertos de Estrada e possuindo transformador de 75 KVA, na Estrada Nacional entre Olhão e Faro.
Resposta a este jornal ao n.º 17 085.

O jornal do Algarve vende-se em Faro, na Tabacaria Farracha, Rua D. Francisco Gomes, 42.

Técnicos

Firma idónea pretende técnicos de electricidade e técnicos de canalizações para água, a quem oferece situação de chefia e quota na Empresa.

Os interessados devem enviar a este jornal, ao n.º 17 820, os elementos comprovativos da sua competência profissional.

MANUEL CABANAS

(Conclusão da 1.ª página)

vez, os seus primeiros trabalhos, no Clube 22 de Novembro, no Barreiro.

Em 1946, concorre com três trabalhos ao Salão de Inverno da Sociedade Nacional de Belas-Artes, e é-lhe concedida a 2.ª medalha em gravura (prata), passando, por esse motivo, a sócio efectivo da mesma Sociedade.

Em 1950, concorre novamente, com três trabalhos, ao Salão de Inverno da Sociedade Nacional de Belas-Artes e é-lhe atribuída a 1.ª medalha em gravura (ouro).

Em 1950, expõe na I Exposição Industrial de Artes Plásticas da Sociedade Democrática União Barreirense «Os Franceses», e é-lhe conferido um diploma de honra.

Em 1951, realiza a sua primeira exposição individual no Círculo Cultural do Algarve, em Faro.

Em 1951, realiza uma grande exposição no átrio da Estação do Rossio, a convite do Boletim da C. P.

Em 1951, realiza ainda uma exposição, no Salão Silva Porto, no Porto, por ocasião do centenário do patrono do referido Salão.

Em 1952, realiza uma exposição na Casa do Algarve, em Lisboa, e faz uma conferência sobre a Evolução da Gravura Através dos Séculos.

Em 1956, faz uma exposição no Futebol Clube Barreirense, por ocasião da inauguração do seu ginásio-sede.

Em 1967, participou na 8.ª Exposição Internacional de Belas-Artes, em Karlsruhe, Alemanha Ocidental, organizada pela Federação Internationale des Sociétés Artistiques de Chamignons, com trabalhos seleccionados por um júri internacional, onde obteve um diploma honorífico, pela sua participação.

Em 1970, realiza um salão, na III Exposição Industrial e de Artes Plásticas, da Sociedade Democrática União Barreirense «Os Franceses» e é-lhe concedido um diploma — menção honrosa.

Em 1971, realiza uma exposição na Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal, em Lisboa.

Em 1971, realiza nova exposição no Clube de Campismo de Lisboa, que foi a maior de todas e chegou a ser televisada.

Em 1971, realiza ainda outra exposição na Cooperativa Proelium, em Queluz, com grande êxito.

Em 1971, realiza outra exposição na Sociedade Operária Agrícola Grandolense, em Grândola.

TEXTO DE J. A. MOLARINHO JACINTO

(Conclusão da 1.ª página)

argumentos apresentarão nesta altura todos aqueles que, de uma forma mais ou menos consciente, alimentaram com os seus apêns, dados também no lugar próprio, a máquina opressora que nos cobriu de opróbrio?

Dada a conhecida característica do Algarve para brincar ao Carnaval, não é estranho que esses senhores, embora fora de época, afilem as máscaras mais consentâneas com o momento político, que o mesmo é dizer o mais democráticas possível. Contudo, cada dia terá de ser de desmascaramento de tais serventuários do regime ditatorial derrubado, mas frontal e directo, afastando, portanto, as vias de que eles se serviram para utilizarem em proveito próprio o que à comunidade pertencia.

Em 1971, realiza uma grande exposição integrada nas festas populares do Barreiro, na Sociedade Instrução e Recreio Barreirense «Os Penicheiros», e é-lhe concedida uma medalha de gratidão.

Em 1972, realiza uma exposição no Clube de Instrução e Recreio do Laranjeiro, onde terminou a série de exposições individuais.

Alguém disse que mestre Cabanas devolvera a sua obra ao povo quando a doara ao conelho onde nascera. Na realidade, ele não devolveu a obra. Ela sempre fora uma pertença do povo, desde que o seu canivete afiado a criara a partir das tábuas informes e indefinidas. E a prova disso é a circunstância de mestre Cabanas nunca ter disposto dessa obra, mantendo-se durante toda uma vida, como guardião daquilo que criara e sentira, sempre, como uma pertença do povo.

Quando doou toda a sua obra, as preciosidades bibliográficas, os quadros, mestre Cabanas nada mais fez do que continuar idêntico ao que sempre fora. Ser generoso. Dar o que tinha de valor com a mesma generosidade com que sempre se dera aos outros. Abnegadamente. Levando da vida, apenas, o corpo que sofrera as dores dos outros e fora capaz de albergar a alma que criara a golpes de canivete a tradução do seu sentir de artista.

Descendente de gente humilde para permanecer fiel às suas raízes. Para que a sua vida fosse, toda ela, dedicada a sentir e a sofrer entre os seus. Na humildade a sua grandeza. Na humildade a sua força. A grandeza e a força para a dignidade.

António Madeira Santos

Um recado à família?

(Conclusão da 1.ª página)

e atropelos à liberdade, há que não recorrer aos métodos deste meio século que passa. Porque, ao que julgamos saber, foi sempre em nome da salvação de um povo que agiram Hitler, Mussolini, Franco, Pinochet, Salazar, Marcelo, etc., etc. Longe vá a tentação, sr. general!

E por muito que lhe desagrade este comentário a qualquer outro seu comentário, acredite que nós também somos pela ordem (que não é ditatorial) e pela solidariedade com a Junta libertadora. E afinal, porque não, pois se o próprio partido comunista português, pelas vezes dos seus dirigentes, em todas as oportunidades, não se cansa de verberar as greves pelas greves, nem de atacar os grupos de pressão contra-revolucionária que visam quebrar a aliança das forças populares e armadas.

Posto isto, sr. general, enquanto a prometida «firmeza necessária» nos consentir, enquanto os ideais do 25 de Abril se mantiverem, tem neste jornal, ao seu dispor, os necessários comentários ao seu comentário. Isto é, parece-nos, democracia.

José da Luz Santos — 483 Guterlhoh 11 — Isselhorstr 8 — Alemanha.

ALGAROTEL - Consórcio Hoteleiro do Algarve, S. A. R. L.

LISBOA

Relatório do Conselho de Administração do Exercício de 1973

Senhores Accionistas

O Conselho de Administração desta Empresa, tem o prazer de vos apresentar o relatório das suas actividades durante o ano de 1973, que na realidade se pode considerar o ano de arranque, desde a fundação da Empresa em 1970.

A Administração teve um ano de intenso labor, com o planeamento dos diversos empreendimentos que a Empresa se propôs realizar no campo turístico, sobretudo em virtude da extensão do programa traçado para os próximos cinco anos.

Foi, durante o ano transacto concluída a associação com a Empresa Clube Hotel — Empreendimentos Internacionais de Turismo, S. A. R. L. (Portuguesa) por participação social da Algarotel, S. A. R. L., nesta sociedade, e projectados os hotéis que as duas Empresas vão em conjunto construir em Monte Gordo, Quarteira e Praia da Rocha, no Algarve.

Foram executados os acordos desta associação com empresas hoteleiras na Ilha da Madeira, Torremolinos e Palma de Maiorca, para em conjunto com as unidades hoteleiras no Algarve se iniciar na Península o regime de ocupação hoteleira «Clube Hotel».

A Algarotel, S. A. R. L., associou-se também à firma Prosaúde, S. A. R. L., que vai construir uma Clínica Hotel nos arredores da cidade de Faro.

O Conselho de Administração

Dr. Diamantino D. Baltazar — Presidente
Manuel Ferreira Seabra dos Santos
Eng.º Hélio Grabit Pereira
Dr. Roy J. Teixeira Jr.
Dr. Roy F. Teixeira

Balanço em 31 de Dezembro de 1973

ACTIVO		PASSIVO	
Disponível		Exigível a Curto Prazo	
Depósitos Ordem e Caixa	3 291 453\$20	Credores Gerais	215 027\$80
Realizável		Letras a Pagar	270 000\$00
Participações Financeiras	1 870 000\$00		485 027\$80
Imobilizado		Exigível a Médio Prazo	
Propriedades (Terrenos)	28 350 759\$00	Financiamentos	38 000 000\$00
Projectos Urbanizações	1 240 000\$00	Reintegração Imobilizado	
Obras e Benfeitorias	575 159\$80	Reitg. Desp. Constituição	62 934\$00
Móveis e Utensílios	100 065\$70	Reitg. Publicidade	19 123\$60
Material Circulante	550 000\$00	Reitg. Projectos Urban.	124 000\$00
Terrenos Sinalizados	6 000 000\$00	Reitg. Obras Benfeitorias	23 006\$40
	36 815 984\$50	Reitg. Móveis Utensílios	10 006\$60
Incorpório		Reitg. Material Circulante	89 375\$00
Despesas Constituição	188 801\$90		328 445\$60
Publicidade	57 370\$80		
	246 172\$70		
SITUAÇÃO LÍQUIDA ADQUIRIDA		SITUAÇÃO LÍQUIDA	
Lucros e Perdas (Prejuízo Exercício)	6 589 863\$00	Inicial	
	48 813 473\$40	Capital	10 000 000\$00
			48 813 473\$40

Desdobramento da Conta Lucros e Perdas em 31 de Dezembro de 1973

1973	1973		
Dezembro 31 a Despesas Gerais	3 050 189\$80	Dezembro 31 Prejuízo em 1973	6 589 863\$00
a Juros e Descontos	3 211 227\$60		
a Reintegração Desp. Constit.	62 934\$00		
a Reintegração Publicidade	19 123\$60		
a Reintegração Proj. Urbaniz.	124 000\$00		
a Reintegração Obras e Benfeit.	23 006\$40		
a Reintegração Móveis e Utens.	10 006\$60		
a Reintegração Material Circul.	89 375\$00		
	6 589 863\$00		6 589 863\$00

Contas Aprovadas em 27 de Fevereiro de 1974

O Técnico de Contas
Henrique Ferreira da Cunha Jr.

O Conselho de Administração
Dr. Diamantino Duarte Baltazar — Presidente
Manuel Ferreira Seabra Santos
Eng.º Hélio Grabit Pereira
Dr. Roy Fernandes Teixeira
Dr. Roy Joseph Teixeira

Parecer do Conselho Fiscal

Senhores Accionistas

Pelas disposições da Lei e dos Estatutos, apresentamos o nosso Parecer sobre o Relatório do Conselho de Administração, Balanço e Contas referentes ao exercício de 1973, os quais foram submetidos à vossa apreciação.

Este Conselho Fiscal acompanhou durante o ano transacto o enorme esforço feito pela Administração planificando em tão curto espaço de tempo todos os empreendimentos que a Empresa se propõe realizar no campo do Turismo. Verifica-se à data presente que o referido planeamento está concluído e que a Empresa sob o ponto de vista técnico e financeiro está pronta para iniciar os ditos empreendimentos.

Durante o exercício de 1973 procedemos periodicamente à verificação da contabilidade tendo encontrado sempre em perfeita ordem todos os valores contabilizados inclusive a existência de «CAIXA» e «TÍTULOS».

Temos pois a honra de propor:

- 1 — Que sejam aprovados o Relatório, Balanço e Contas do Conselho de Administração.
- 2 — Que ao saldo de Lucros e Perdas seja dada a aplicação proposta pelo mesmo Conselho.
- 3 — Que se consigne ao Conselho de Administração um voto de agradecimento pela dedicação e eficiência reveladas.

Lisboa, 27 de Fevereiro de 1974.

O Conselho Fiscal

- a) Eng.º José Hermógenes Duarte do Rosário (Presidente)
a) Dr. António Guilherme Marques
a) Aginaldo Mascarenhas Wahnnon

rega por aspersão "BAUER"

rega em todo o terreno...rega todas as culturas.

<p>ASPERSORES de jacto raso</p> <p>de jacto simples</p> <p>de grande alcance</p> <p>de jacto duplo (para chorume, modelo especial)</p>	<p>TUBAGEM transportável, com acoplamento rápido, articulado.</p> <p>pressão de serviço: 20 kg/cm²</p>	<p>INSTALAÇÕES DE REGA POR ASPERSÃO transportáveis/semi-fixas - totalmente fixas.</p> <p>MATERIAL P/ FERTIRRIGAÇÃO EQUIP. P/ ESTABULAÇÕES</p> <p>rega de humedecimento rega contra geadas rega com estrume líquido</p> <p>projectos para: agricultura e pecuária</p>	<p>VIATURAS - CISTERNA para aspiração automática e aspersão de estrumes líquidos.</p> <p>MOTO-BOMBAS ELECTRO-BOMBAS BOMBAS P/ TRACTOR grandes stocks</p> <p>capacidade: 1700 a 4500 litros</p>
<p>Tem muitas centenas de instalações "BAUER" em todo Portugal!... adquire V. Ex.ª também UMA.</p>			
<p>CONSULTE A NOSSA DIVISÃO REGA</p> <p>GUSTAVO CUDELL, LDA.</p> <p>DIVISÃO O.P. • DIV. REGA • DIV. MÁQUINAS • DIV. TRANSMISSÕES MECÂNICAS • PORTO - Rua do Bolhão, 157 LISBOA 5 - Avenida do Brasil, 88 A/B Telef. 37966 (5 linhas) - Telex 2723 LISBOA 5 - Telef. 771701 - 767717 - Telex 1439</p>			

Residências Boa Vista do Algarve, S. A. R. L.

ALBUFEIRA

Relatório do Conselho de Administração

Prezados Accionistas

Desejariamos apresentar um relatório que pudesse ser satisfatório mas infelizmente, as circunstâncias de facto verificadas tal não consentem.

Em anos anteriores temos referido as causas originárias dos resultados negativos do exercício. A essas temos de acrescentar, agora, as do agravamento dos aumentos resultantes de uma inflação que assume proporções assustadoras e, enquanto os preços, quase dia a dia, sobem desenfreadamente, os que recebemos da clientela, por estarem oficialmente tabelados, não acompanham os custos.

Acresce ainda que se verificou uma diminuição nos proveitos bastante apreciável, consequência da baixa de valor das moedas de vários países europeus de onde vem uma parte importante da nossa clientela que, por esse motivo, se retraiu. A guerra no Médio Oriente, as restrições de fornecimento de gasolina e o brusco e pesado aumento do seu preço constituíram outros tantos motivos de retraimento da clientela.

Embora, em números absolutos, o prejuízo se apresente um pouco inferior ao do ano anterior, suplantou em números

relativos dado que no ano anterior só numa diferença de câmbio se suportou um prejuízo de Esc. 463 866\$50.

Infelizmente, não se concretizou por dificuldade na importação dos capitais, o indispensável aumento de capital negociado no ano anterior. Só esse aumento poderá proporcionar os meios para a realização das obras necessárias para aumentar a classificação da nossa unidade hoteleira, como também a sua capacidade, condições indispensáveis para tornar a actividade que dedicadamente desenvolvemos em favor da Empresa e do Turismo no Algarve.

No nosso balanço os critérios valorimétricos aplicados estão em inteira concordância com o legalmente determinado.

Agradecemos ao Conselho Fiscal e à Contatec a sua cooperação, ao pessoal a forma como na maioria colaborou.

Albufeira, 22 de Fevereiro de 1974

O Presidente do Conselho de Administração

Dr. Semtob Dreiblatt Sequerra
O Administrador Delegado
Alfred Worth

Reunião da P. S. P. com os órgãos Informativos em Faro

No Comando Distrital da P. S. P., decorreu uma reunião dos representantes dos órgãos informativos com o major Manuel Francisco da Silva, novo comandante distrital daquela Corporação, que fez por menorizada exposição de assuntos ligados ao Movimento das Forças Armadas e à actuação da P. S. P., referindo as novas linhas de orientação desta. Fez um apelo para a consciência cívica dos cidadãos, com os quais a P. S. P. vai colaborar e ao serviço de quem está, na plena liberdade, consciente e responsabilizada e sem atropelos às liberdades dos outros, dizendo que entre as funções que cumprem a Polícia situam-se as de trânsito (banir a ideia de que a «polícia anda à caça da multa»), o serviço de estrangeiros (que estava a cargo da extinta PIDE/DGS), repressão à criminalidade, defesa da propriedade privada e do património público, etc.

Foi salientado que a P. S. P. actua em comunhão de ideias com as Forças Armadas e de mais incondicional apoio às mesmas.



A questão do gasóleo

NÃO é de agora, mas de há meses, de há anos mesmo. Foi corolário e consequência de um evidente proteccionismo, a que urge pôr termo, pois ainda subsiste. Referimo-nos à questão do gasóleo e à variedade dos seus preços para a indústria hoteleira, fazendo-se de uns filhos e de outros enteados. Mais grave ainda na medida em que estes últimos são exactamente os de menores recursos, nomeadamente porque vivendo num sistema artesanal ou quase.

Atente-se que se os arrastões se dedicam à apanha de peixe para consumo da população (além dos mariscos que são, pelo seu preço, para um público restrito), as traineiras fornecem além do peixe com idêntico objectivo e para as camadas menos abastadas, a matéria-prima fundamental para a indústria conserveira. Isto sem esquecermos porque eles, sobretudo, motivaram este apontamento, os barcos da pesca artesanal, a braços com tantos e tão múltiplos problemas. Actividade do maior interesse nacional, tem de ser encarada com perfeita equidade e dar a todos, mas a todos, as regalias de que apenas alguns vêm beneficiando. A questão das desigualdades no preço do gasóleo para os vários sectores da indústria piscatória é um assunto que urge resolver.

Maria Armada

Balanço Geral - Exercício de 1973

ACTIVO		PASSIVO	
DISPONIVEL		DE FUNCIONAMENTO	
Caixa	644 417\$05	Contribuições e Impostos a Pagar	137 081\$10
Depósitos à ordem	18 230\$65	Depósitos à Ordem	159 116\$99
Fundos de Caixa	8 000\$00	Despesas a Pagar	257 236\$70
	670 647\$70	Devedores e Credores	3 676 499\$48
REALIZAVEL		Impostos a liquidar	9 967\$00
Devedores e Credores	516 080\$26	Imposto de Turismo	9 452\$00
Economato	289 324\$00	Letras a Pagar	880 905\$90
Existências — Impressos e Catálogos	50 930\$00		5 130 259\$17
Existências nos Departamentos	81 636\$90	DE FINANCIAMENTO	
	937 971\$16	Empréstimos Hipotecários	6 116 980\$60
IMOBILIZADO		Livranças	1 077 500\$00
Equipamento Industrial	3 734 336\$50		7 194 480\$60
Gastos Pluriénais	49 065\$50	REGULARIZAÇÕES DO ACTIVO	
Imóveis Industriais	10 460 123\$90	AMORTIZAÇÕES	42 154\$16
Instalações Industriais	743 188\$00	REINTEGRAÇÕES	3 328 361\$44
Móveis e Utensílios	77 875\$10		3 370 515\$60
Veículos	94 775\$80	SITUAÇÃO LÍQUIDA ACTIVA	
	15 159 364\$80	CAPITAL	
CONTAS TRANSITÓRIAS			
	3 274\$90	5 200 000\$00	
SITUAÇÃO LÍQUIDA PASSIVA			
RESULTADOS			
Perdas e Lucros	4 123 996\$81		
	20 895 255\$37	20 895 255\$37	

Desenvolvimento da Conta de Perdas e Lucros

DÉBITO		CRÉDITO	
Saldo do Exercício Anterior	3 341 660\$04	Saldo do Exercício Anterior	3 341 660\$00
Amortizações	16 257\$21	Proveitos da Actividade Industrial	5 747 676\$43
Encargos Financeiros	654 556\$05	Proveitos Financeiros	4 445\$50
Encargos c/ Órgãos Sociais	86 983\$30	Proveitos Diversos	174 958\$80
Encargos c/ Pessoal	1 479 725\$20	Resultados de Exercícios Anteriores	9 552\$60
Encargos c/ Publicidade	53 272\$60	Resultados do Exercício	782 336\$77
Encargos Fiscais e Parafiscais	70 885\$43		
Mercadorias	2 862 946\$71		
Outros Encargos	972 056\$00		
Reintegrações	511 414\$90		
Resultados de Exercícios Anteriores	10 872\$70		
	10 060 630\$14		10 060 630\$14

Lisboa, 31 de Dezembro de 1973

O Técnico de Contas

José Luís Lopes Marques

O Conselho de Administração

Dr. Semtob Dreiblatt Sequerra — Presidente
Alfred Worth — Administrador Delegado

Parecer do Conselho Fiscal

Senhores Accionistas

Acompanhámos, de perto, conforme nossa obrigação legal, a dedicada actividade do Conselho de Administração, como

também as várias operações de contabilidade, cuja elaboração continuou confiada à competente Contatec.

Foram também apreciados os critérios valorimétricos, os quais correspondem aos preços de custo da aquisição e, deste modo, todo o balanço expressa a exacta situação patrimonial.

Propomos que:

- 1.º — Aproveis o relatório e contas do Conselho de Administração referentes ao exercício findo;
- 2.º — Aproveis um voto de louvor ao Conselho de Administração pela forma como desempenhou o seu mandato.

Albufeira, 8 de Março de 1974

O Conselho Fiscal

Dr. Nuno Antas Pinto — Presidente
Dr. Mazaltob Levy — Secretário
Dr. José Alberto Rodrigues Peixoto do Amaral — relator



Viva despreocupado
Empregue o seu capital
Cesário & C.ª, Lda.
EXISTE PARA O SERVIR
Vende, compra e troca
MORADIAS
ANDARES
APARTAMENTOS
em regime de propriedade horizontal
Encarrega-se de todos os contactos com inquilinos
Sede: Rua José de Matos, 33
Telefs.: 26216 ou 25998 de FARO

Mais 40 anos de experiência...

Em feridas infectadas
FURÚNCULOS
E ANTRAZES
PASTA "SANO."
CONTRA A FURUNCULOSE
LABORATÓRIO "SANO," V. N. GAIA
À VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS.



Exposições de pintura em Faro

No Posto de Turismo de Faro encontra-se patente uma exposição de pintura da artista Eunice Matos Portugal, que reúne cerca de 40 trabalhos em óleos, carvões, desenhos a tinta da China (feitos no atelier de Pablo Picasso em França) e esmaltes em tela. O certame mantém-se aberto até 6 deste mês. Também em Faro, na Galeria Ossónoba, na Praça Alexandre Herculano, vulgo Largo da Alagoa, o pintor Francisco Alvito expõe os seus trabalhos até 4 de Junho.

TINTAS «EXCELSIOR»

VENDE-SE

Uma caldeira geradora de vapor Timbre 10 Kg/cm2 com superfície de aquecimento 41,40 m2 capacidade incluindo ebulidores 3,540 m3 utilizando combustível thick-fuel-oil (nafta) e equipada com queimador Johnson.

Tratar com: — J. C. Cruz — Telef. 72314 — Olhão.



dar é a melhor forma de receber

dar divulgação e cultura alimentar,
dar apoio técnico a esquemas nutricionais,
dar melhor alimento,
dar estudo e experiência.

É RECEBER A GARANTIA DE PROMOVER:
a educação pública,
os grupos humanos do futuro,
o desenvolvimento sócio-económico do país,
o Homem Integral e Racional!

diese DÁ FORMA A UMA POLÍTICA DE PREVENÇÃO E PROMOÇÃO DA SAÚDE
especialistas e pioneiros em alimentação nacional — av. da república - 46 Lisboa

DELEGAÇÃO EM FARO
AVENIDA 5 DE OUTUBRO, 40-A - FARO

colítico?

o seu problema alimentar
será facilmente resolvido
através dos métodos de
ALIMENTAÇÃO RACIONAL diese

Através do Gabinete de Estudos de Nutrição facultada-se o estudo, planificação e organização de Esquemas Alimentares, adaptados ao seu caso particular, quer para profilaxia, quer para normalização dos seus problemas de saúde.

contacte o
GABINETE DE ESTUDOS DE NUTRIÇÃO
av. república, 46 - lisboa 1
se mora em Lisboa, utilize o
telefone 767141



CORREIO de LAGOS

ABRIU A EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIAS DE HOMENAGEM A TEIXEIRA GOMES

Revestiu-se de solenidade o acto inaugural da exposição de fotografias que o lacobrigense Afonso Canelas Furtado promoveu em homenagem a Manuel Teixeira Gomes. Estiveram presentes a filha do homenageado, D. Ana Rosa Teixeira Gomes Callape e esposo, o neto, dr. José Pearce de Azevedo e esposa, e outras pessoas de destaque.

Junto a cada painel da exposição viam-se frases extraídas de livros do algarvio que melhor descreveu as belezas da nossa costa.

Colaboraram no certame os amigos das artes José Vieira Cabrita e J. Rosado Bago d'Uva.

O certame mantém-se aberto das 17,30 às 20, até amanhã, pelo que hoje e amanhã ainda poderá ser visitada pelos que são pelas coisas da arte fotográfica, no Grémio Recreativo Lacobrigense, que poderá ser um belo centro de cultura se nos unirmos para o seu restauro.

FOI PEDIDO UM INQUÉRITO AOS MOTIVOS QUE ORIGINARAM A MORTE A UM BENEFICIÁRIO DA PREVIDÊNCIA

Faleceu recentemente o sr. Francisco Vicente Carreiro, que durante dois anos mais ou menos, foi assistido pelos serviços da Previdência em Lagos.

A família está convencida de que o tratamento não foi o adequado à doença que o vitimou e revoltado pelo facto de nos últimos dias de vida ter sido assistido «à la minuta» como o povo diz, seu irmão sr. José Vicente Carreiro, que na qualidade de motorista das viaturas dos Bombeiros Voluntários de Lagos, tem contribuído para o salvamento de muitas vidas, já solicitou às pessoas mais influentes do Movimento Democrático que se efectuasse um inquérito no sentido de apurar responsabilidades.

ASSEMBLEIA DO SPORT LAGOS E BENFICA

Porque das três pessoas avisadas por carta com aviso de recepção, para esclarecimento das dívidas contraídas pelo clube durante a gerência de 1973, só uma compareceu na assembleia de 27 do mês findo, ficou marcada nova reunião para 10 deste mês, às 10 horas.

Registou-se porém por parte de Serafim de Jesus Ramos declaração de que estava saldada a dívida de 13 380\$00, acto que caiu bem em todos os presentes.

UM MURO QUE PARECE PREJUDICIAL AO TRÁNSITO

Não temos carros ligeiros nem pesados, mas vemos diariamente pessoas que os possuem, algumas até fazendo delas o seu modo de vida. Todos são unânimes em que especialmente nas curvas deve haver a preocupação da máxima visibilidade e, nos pontos de convergência, desafogo e sinalização cuidada.

Talvez por isso, repara-se, e em nosso modesto entender com razão, que a empresa Torralta, esteja levantando um muro em frente ao Hotel Golfinho, que prejudica a visibilidade especialmente de quem vem da praia da Dona Ana, e torna, pelo menos à primeira vista, apertada a curva junto à estrada da Piedade. Ora, se como dizem, o espaço fronteiro ao hotel, que em parte era do domínio público, é destinado a jardim, não seria este de rematar com arbustos dispostos com arte e bom gosto mais ou menos na altura do muro em construção?

Sabemos que a empresa Torralta, já deu mais terreno que o recebido, admitindo-se que mais venha a dar. Assim, confiamos que o muro desapareça proporcionando-se aos que até nós venham para visitar a praia Dona Ana, uma entrada agradável para esta e que talvez contribua para a valorização do hotel.

Joaquim de Sousa Piscarreta

I. A. N. T. Sanatório Carlos Vasconcelos Porto

Concurso Público N.º 11/74
FORNECIMENTO DE FRUTAS DIVERSAS DURANTE O 3.º TRIMESTRE DE 1974

Até às dezasseis horas do dia 5 de Junho de 1974, aceitam-se propostas em envelope lacrado, para o fornecimento em referência. As condições encontram-se patentes na Secretaria do Sanatório.

S. Brás de Alportel, 21 de Maio de 1974.

O Director do Sanatório,
a) Dr. Medeiros Galvão

do alto da torre



NA HORA DA ESPERANÇA

FOI há anos que o prof. Palma Carlos, hoje primeiro-ministro, visitou a Fuseta a que o prendem tantos e tão profundos laços familiares. Foi uma autêntica reunião do clã «Palma Carlos» que na terra dos seus maiores vieram assistir à homenagem ao saudoso mestre que foi o prof. Manuel Carlos, pai do chefe do Governo.

Naquela manhã cáhida, as lágrimas que vimos na face do homem a quem tão ingente tarefa foi confiada, eram um elo perene de significado a fundir o passado e o presente.

A rua em que viveu o prof. Manuel Carlos passou a usar o seu nome honrado, numa manifestação espontânea e autêntica que o povo então selou com a sua presença, tributando homenagem a um homem que foi pai exemplar, a um mestre que cultivou o verdadeiro magistério e a um fusetense que esmalto com brilhantismo a terra simples que o viu nascer e por muitos anos viver. Muito longe estaríamos de pensar que esse mestre insigne de Direito que naquele dia chorou com os seus quase conterrâneos, como ele «metos de pescadores bacalhoeiros», seria um dia a esperança desta terra e de todas as que constituem a grande terra comum agora de todos os portugueses.

E que as gentes da Fuseta, sem esquecerem as tarefas prioritárias que ao Governo se impõem e a sua enorme dimensão, acreditam com esperança que um dia, o seu problema maior, a sua barra, o seu acesso ao campo de ganha-pão que é o mar, possa conhecer a solução de há muito reclamada e jamais vislumbrada.

João Leal

Condenação a pena maior em Vila Real de Santo António

Acusado de no sítio de Guerrelros do Rio, concelho de Alcoutim, ter provocado ferimentos de que viria a resultar a morte a Maulinda Maria Gonçalves Fernandes, viúva, doméstica, residente no referido sítio, foi julgado no Tribunal da Comarca de Vila Real de Santo António, André Joaquim, de 42 anos, casado, marítimo, com residência no mesmo sítio.

Presidiu ao julgamento o corregedor dr. Afonso de Castro Mendes, que tinha como assessores os drs. Luís Flores Ribeiro e Joaquim José Garcês Palha da Silveira, sendo o réu condenado em 12 anos de prisão maior, no mínimo de imposto de justiça e procuradoria e em 50 contos de indemnização a quem se julgar com direito.

Pelo patrono do réu, dr. José Correia, foi interposto recurso da sentença.

TINTAS «EXCELSIOR»

Zona de banhos de Faro

A Capitania do Porto de Faro determinou, como medida preventiva contra a propagação do surto de cólera, interditar todas as zonas de banhos das praias anexas à ria Formosa, considerando a sua possível inquinação pelos esgotos que nelas desagüam. Deste modo e até determinação em contrário fica proibido tomar banho na zona da ria na ilha de Faro, proibição que não abrange, como é óbvio, o lado da ilha que dá para o oceano.

Móveis para exteriores, em fibra de vidro



Fabricantes:

APM

R. Convento da Sr.ª da Glória, 25
Telef. 63179 — LAGOS

Direcção Hidráulica do Guadiana

AVISO

Para os devidos efeitos se anuncia que está aberto, pelo prazo de trinta dias, concurso de provas práticas para o preenchimento de vagas de fiscais de 3.ª classe existentes no quadro desta Direcção Hidráulica e das que porventura venham a dar-se no decurso de dois anos.

A admissão ao concurso deverá ser feita mediante a apresentação de requerimento em papel selado, dirigido ao Ex.º Eng.º Director da Hidráulica do Guadiana — Faro, acompanhado dum selo fiscal de 50\$00, podendo os interessados dirigir-se àquela Direcção Hidráulica para mais esclarecimentos.

Faro e Direcção Hidráulica do Guadiana, 21/Maio/1974.

O Engenheiro Director

Artur Acácio Monteiro

NEFELE-Companhia Industrial de Sienitos Nefelínicos, S. A. R. L.

EXERCÍCIO DE 1973

Relatório do Conselho de Administração

Ex.ªs Senhores Accionistas,

Como é do conhecimento de V. Ex.ªs a nossa empresa não exerceu ainda qualquer actividade industrial ou comercial.

Este primeiro ano de actividade resumiu-se à elaboração de estudos e investigações para aquilatar da viabilidade do empreendimento.

Assim, sob o ponto de vista de estudos científicos sobre os sienitos e suas possíveis aplicações, procedeu-se ao inventário dos diferentes tipos de sienito existentes na Serra de Monchique, com vista à sua beneficiação para uso da indústria do vidro e cerâmica.

Os diferentes tipos de sienito foram sujeitos a separação magnética de alta e baixa intensidade, escolhendo-se finalmente três tipos de rocha mais favoráveis.

Nas zonas aonde se definiram estes 3 tipos de rocha, levou-se a efeito uma campanha de sondagens com vista à definição do potencial de cada zona. As amostras das sondagens foram igualmente sujeitas a técnicas de separação magnética para confirmação dos resultados obtidos.

Como resultado destes trabalhos conseguimos produzir um sienito nefelínico com um conteúdo final em ferro igual a

0,11%, o que aproxima dos sienitos vendidos no mercado internacional, sem no entanto alcançar a pureza desejada.

Neste momento estão em curso estudos em diversos produtores de vidro para avaliar da qualidade do produto que conseguiremos pôr no mercado e da sua aceitação pelos consumidores.

De qualquer modo o nosso produto pode ser utilizado para o fabrico do vidro colorido e vidro normal, estando ainda dependente da resposta dos consumidores a sua utilização para vidros de superior qualidade.

Está em curso a preparação do ante-projecto de uma instalação capaz de produzir 100 000 toneladas anuais de sienito. Este trabalho está a cargo de Sofremines, nosso consultor francês que nos apoiou em toda a pesquisa do método de beneficiação a utilizar.

Lagoa, 28 de Fevereiro de 1974

O Conselho de Administração,

Mário Augusto Gaspar — Presidente
José Augusto Rebelo da Conceição
Joaquim Jorge Magalhães Mota

Balanço em 31 de Dezembro de 1973

ACTIVO	PASSIVO
DISPONÍVEL	EXIGÍVEL
Caixa e Depósitos à Ordem	Devedores e Credores Diversos
1 050 121\$60	717 199\$30
IMOBILIZADO	SITUAÇÃO LÍQUIDA
Imobilizações Incorpóreas	Capital
15 741\$80	1 000 000\$00
Imobilizações Corpóreas	
70 964\$00	
Imobilizações em Curso	
580 371\$90	
1 717 199\$30	1 717 199\$30

O Técnico de Contas,

José Trindade do Carmo Rocha

O Conselho de Administração,

Mário Augusto Gaspar — Presidente
José Augusto Rebelo da Conceição
Joaquim Jorge Magalhães Mota

Parecer do Conselho Fiscal

Senhores Accionistas,

Dando cumprimento ao determinado na lei e nos estatutos da Sociedade apresentamos a Vossas Excelências o nosso parecer acerca do relatório do Conselho de Administração e o balanço do exercício findo.

Conforme nos competia seguimos de perto a actividade da empresa, tendo examinado regularmente a contabilidade e os documentos que lhe servem de suporte, que achámos sempre em boa ordem.

Verificámos que a contabilidade e o balanço correspondem

à exacta situação da empresa. A não existência da conta de resultados do exercício deve-se ao facto de terem sido levados ao Imobilizado todos os encargos do exercício.

Assim, somos do parecer que devem ser aprovados o relatório do Conselho de Administração e o balanço do exercício.

Lisboa, 11 de Março de 1974

O Conselho Fiscal,

Fernando António Chaves Brilhante — Revisor de Contas
Luís Nazaré Teixeira das Neves

Debulhadoras

Vendem-se duas da marca Tramagal.
Manuel António da Palma
— telefone 39 — MÉRTOLA.

o mundo do seu alcance

Uma organização **pollur**
VIAGENS ACOMPANHADAS POR GUIA PORTUGUÊS em avião e circuitos em autopullman de turismo

ITÁLIA 10 dias 7.850\$00* por pessoa	BERLIM E AMSTERDÃO 10 dias 10.350\$00 por pessoa
AUSTRIA 10 dias 7.950\$00* por pessoa	HOLANDA E BÉLGICA 10 dias 7.320\$00 por pessoa
VIAGEM/ESTADIA NO LAGO DE LUCANO 10 dias em autocarro de Zurique a Zurique 8.500\$00* por pessoa	BENELUX, VALE DO RENO E PARIS 10 dias em autocarro de Bruxelas a Bruxelas 10.350\$00 por pessoa

* mais sobretaxa de combustível 640\$00

PAGUE SUAVEMENTE COM O CREDI-STAR

STAR

A MENOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Lisboa - Estoril - Porto - Funchal - Luanda
R. CONSELHEIRO BIVAR, 36
TELEF. 23986 - FARO

INFORME-SE E INSCREVA-SE NA:

Actualidades desportivas

FUTEBOL

TAÇA DE PORTUGAL

comentários de João Leal

O OLHANENSE PRESENTE NAS MEIAS FINAIS

E chegámos às meias finais da Taça de Portugal, que se espera venha a conhecer novo figurino, sendo participantes, três grandes, Sporting, Benfica e Porto, e um dos nossos, o Sporting Olhanense que, recordamos, em 1924 venceu a «taça» de então, o Campeonato de Portugal.

Pelo sorteio efectuado, Olhanense-Sporting e Porto-Benfica, tudo leva a crer que teremos uma final lisboeta. E mesmo que assim não aconteça, o interesse onde está? O Olhanense, ao fim quase de três horas desde o início do prélio, ganhou com merecimento a qualificação. O jogo foi esmaltado pelo triste acontecimento da invasão do campo, na tentativa de agressão ao juiz de campo lisboeta Nemésio de Castro. Um caso verdadeiramente triste, que levou à paralisação do jogo durante 33 minutos e de que a maior vítima será o glorioso Olhanense, um clube que, como poucos, se pode orgulhar do seu brilhante historial. Os excessos de uns quantos reflectir-se-ão, afinal, na maioria.

Com o 2-2 ao fim do tempo regulamentar, resultado que o castigo máximo repetido provocaria, houve que recorrer ao prolongamento. Ai, e ao invés do que parecia ir acontecer, prevaleceu uma maior capacidade e poder anímico dos algarvios, que obtiveram dois tentos e muitos outros ficaram por marcar, fazendo então inteiramente jus à qualificação verificada.

Na noite de sábado o Algarve assistiu a um bom jogo em Faro. Com uma primeira parte em pleno, a jogar o seu melhor, o Farense apenas pecou no capítulo «concretização», pois por várias vezes os seus dianteiros tiveram o golo á mercê em ocasiões flagrantíssimas. Com velocidade, determinação e um futebol esplanado os «leões» de Faro entusiasmarão o público. Quase ao terminar a 1.ª parte sofreram, quicá contra a corrente do jogo, um golo, mau castigo para o labor que vinham operando. Castigo maior teriam logo ao iniciar da 2.ª parte, ao sofrerem um «penalty» absolutamente desnecessário e com ele o 2.º golo dos lisboetas. Foi o fim do Farense e o período brilhante dos encarnados, a exhibir-se depois em grande plano, monopolizando o esférico e obtendo mais dois tentos. Viu-se então a máquina do futebol vermelho a desbobinar-se em pleno.

RESULTADOS DOS JOGOS

TAÇA DE PORTUGAL

Farense, 0 — Benfica, 4
Olhanense, 4 — Tomar, 2

II DIVISÃO

Portimonense, 2 — Tomar, 2

III DIVISÃO

Lusitano, 1 — Esperança, 0
Beja, 3 — Sambrazense, 2

INICIADOS

Lagos e Benf., 1 — Farense, 1
Fuseta, 3 — Portimonense, 2
Olhanense, 4 — Esperança, 0

JOGOS PARA AMANHÃ

TAÇA DE PORTUGAL

Sporting-Olhanense

II DIVISÃO

Odivelas-Portimonense

III DIVISÃO

Vasco da Gama-Esperança
Sambrazense-Caparica
Silves-Lusitano

INICIADOS

Farense-Olhanense
Portimonense-Lagos e Benfica
Esperança-Moncarapachense

Troféu «Brandy Casal Sereño»

No próximo número será conhecido «O futebolista algarvio do ano»

Terminou ontem a recepção dos boletins para eleição de «O futebolista algarvio do ano», a quem será entregue o valioso e artístico troféu «Brandy Casal Sereño». Iniciativa de *Jornal do Algarve*, com o patrocínio da firma Francisco Matias, de Torres Vedras, tem desta feita a sua 3.ª edição.

Recordamos que anteriormente foram eleitos Nelson Faria e Atraca, o primeiro a jogar no Peniche e ao tempo envergando a camisola do Farense e o 2.º que se retirou da actividade após brilhante carreira.

No próximo número daremos a conhecer «O futebolista algarvio do ano» e vencedor do troféu «Brandy Casal Sereño», assim como os leitores premiados no sorteio.

TINTAS «EXCELSIOR»

IMAGENS DE S. BRÁS DE ALPORTEL

SESSÕES DA C. D. E.

CONSUMADO o movimento de libertação de 25 de Abril, o País procura agora estruturar as suas correntes políticas, no plano democrático. Nas aldeias e vilas do interior o processamento é moroso, pois existe um vago sentimento de transição e o servilismo não morre.

S. Brás de Alportel, com os ponteiros do relógio ligeiramente atrasados em relação à hora que passa, promoveu finalmente, através da C. D. E., uma reunião para eleger a comissão distrital. Os seus componentes, entre eles algumas jovens, têm promovido reuniões de trabalho, visando esclarecer o povo. Na realidade devemos considerar-nos analfabetos em matéria política, herança vergonhosa de 48 anos de trevas. Mas os contactos com a comissão distrital, planificam a acção a emprender no concelho. Dessa colaboração ficou assente que se promovesse uma sessão pública de esclarecimento e propaganda, que se realizou na semana finda nas ruínas da mais bela esplanada algarvia de antes da Grande Guerra. Propaganda em cima da hora não obteve a que se registasse enorme afluência, de predomínio essencialmente rural. Foi excelente jornada de todas as classes sociais, ávidas de apreciação ao vivo comentários autorizados acerca da metamorfose política imposta pelas Forças Armadas e pelo povo.

Abriu a sessão o promotor e organizador da comissão democrática local, Sr. Alvaro Botinas, filho de uma saudosa figura popular, republicano de quatro costados, António de Sousa Botinas, que refugiado em Moçambique, por cerca de 30 anos, faleceu há dois anos.

E como filho de peixe sabe nadar, de ouro na fechadura, gerando com os seus comentários um clima de vibrante apoteose. Seguiu-se no uso da palavra o dr. Café, traçando o negro perfil da vida rural algarvia, especialmente de S. Brás e focando os problemas dramáticos da emigração dos trabalhadores.

Por sua vez, Júlio Negrão, democrata de antes quebrar que torcer, teve considerações sobre os processos da ditadura e a verdade. Evocou mortos e exilados, vexames e torturas aos presos políticos nas masmorras fascistas, verberando com veemência os castigos hediondos da polícia política. Por fim, o «sprato suculento» foi o dr. Madeira, jovem advogado, que numa prosa versátil e colorida empolgou o auditório. Focou com desassombro o aspecto político das greves e as suas consequências sociais, ordenadas, custo de vida e política internacional, desde o marxismo à extrema-direita. Análises as reivindicações desordenadas e toda a problemática social que se pretende impor sem estudar profundamente as suas consequências; debruçou-se sobre a guerra do Ultramar «guerra sangüinária de ambos os lados», com plena autoridade! Terminando a sua magnífica oração, afirmou que «neste momento Portugal é o País mais livre do Mundo». Centenas de assistentes ficaram com as ideias menos confusas, pois da lição emanaram lufadas de sensatez, nesta hora de indefinida inquietação.

S. Brás de Alportel não escapou ao efeito emocional do embate psicológico, do fosso que existe entre a opressão e a liberdade. Alguns dos seus habitantes vivem excitados, numa ansia nervosa. Que se pode resolver em meia-dúzia de dias?

O fenómeno das reivindicações apressadas terá sido a arma imediata da reacção para confundir e desorientar? Carecemos, agora mais do que nunca, de elementos como o dr. Madeira, esclarecendo o povo com a sua eloquência e os seus conceitos político-sociais. Evitem-se leviandades irreparáveis, incoerências, precipitações. O Governo Provisório está a legislar em pleno, no campo social.

Fazemos votos sinceros por que esta sessão tivesse sido um livro aberto à consciencialização do povo são-brasense, pois continuamos a ser uma família que se deseja unida. Evite-se pequeninas fúrias que dão origem a grandes incêndios. De momento, há uma certa analogia entre o estado de espírito das gentes são-brasenses, com o que reinava a quando do famigerado diferendo Unidos-Desportivo. Vamos todos dilatar o nosso civismo, expandindo num rasgo de amizade fraterna, a nossa recíproca tolerância?

F. Clara Neves

SERVICE OFICIAL DIESEL

BOSCH — CAV — SIMMS

MAQUINAS ELECTRICAS

PESSOAL ESPECIALIZADO

EXECUÇÃO RAPIDA

Ao seu dispor nas

OFICINAS ARMANDO

DA LUZ

ZONA DO DIQUE — Tel. 2405

PORTIMAO

Técnico de Rádio

Para assistência em «part-time» nos meses de Julho a Setembro, na área de Vila Real-Monte Gordo. Condições a combinar.

Resposta à Redacção ao n.º 17 780.

ANDARES VENDEM-SE

Em Vila Real de Santo António — 5 amplas casas assoalhadas, 2 quartos de banho, ampla cozinha e corredor. Óptimas varandas. Preços acessíveis. Óptima localização.

Trata — Virgílio Pereira Braz — Vila Real de Santo António — Telef. 497.

ARMAZÉNS VENDEM-SE

Situados na Avenida da República, Vila Real de Santo António, vendem-se dois grandes armazéns, área 400 m². Preços em conta. Facilidades de pagamento.

Trata — Hilderico do Nascimento Pires — Telf. 497 — Vila Real de Santo António.

HABITAÇÃO E ARMAZÉNS VENDEM-SE

Em Vila Nova de Cacela — sítio do Buraco — junto à estrada nacional, grande área coberta e descoberta — Preços em conta — Facilidades de pagamento.

Trata — Hilderico do Nascimento Pires — Telf. 497 — Vila Real de Santo António.

COMUNICADO

António Augusto Fernandes Marques, ex-colaborador no Algarve de J. J. Gonçalves, informa que se encontra radicado na cidade de Leiria, e oferece os seus préstimos a todas as pessoas das suas relações e amizade, na firma Marques & Ferreira, Lda., Avenida Combatentes da Grande Guerra, 12-1.º Esq.º, ou na sua residência, Avenida Nossa Senhora de Fátima, 19 r/c Dt.º — Telef. 24401 — Leiria.

CERTIDÃO

MANUEL PIRES GUERREIRO DA ÁNGELA, Chefe da Secretaria Judicial da comarca de Olhão:

Certifico que arquivados nesta Secretaria existem uns autos de inventário entre maiores, em que foi requerente MARIA REGINA SANTOS, divorciada, doméstica, residente em Olhão e requerido JOSÉ LUÍS DE MOURA VEIGA, divorciado, industrial também residente em Olhão.

Que, a fls. 347 dos mesmos autos se encontra o auto de licitação do teor seguinte: — Aos dez dias do mês de Outubro de mil novecentos sessenta e quatro, nesta vila de Olhão e Tribunal Judicial, onde se achava o Excelentíssimo Doutor Manuel Soares Caramujo, Meritíssimo Juiz de Direito desta comarca, com o Excelentíssimo Doutor Vasco António Grandão Ramos, Digno Magistrado do Ministério Público nesta mesma comarca, comigo escrivão de direito e o oficial de diligências José Simões Duarte, para o fim de se proceder às licitações ordenadas no inventário facultativo em que é requerente Maria Regina Santos e requerido José Luís Pinto de Moura Veiga. Dada a hora designada, ordenou ele Senhor Juiz ao referido oficial que fizesse as precisas interpelações o que se cumpriu, dando sua fé estarem presentes: a requerente Maria Regina Santos, acompanhada do seu advogado Doutor Jaime Guerreiro Rua e bem assim o requerido José Luís Pinto de Moura Veiga, igualmente acompanhado do seu advogado Doutor Júlio Filipe de Almeida Carrapato. Seguidamente o Meritíssimo Juiz mandou declarar aberta a praça entre os interessados, o que o referido oficial cumpriu, pondo em lanço sucessivamente e uma por cada vez, as verbas constantes da descrição de bens respectiva e sobre o que recai a licitação, tomando-se nota dos preços oferecidos e dos licitantes, findo o que se aprovou o seguinte resultado:

Nesta altura pelos interessados foi dito: Que em confidência, chegaram a acordo sobre a forma de compor os respectivos quinhões e por isso desistiram da licitação. O acordo a que chegaram consta das seguintes cláusulas: PRIMEIRO — Mantém-se a comunhão existente quanto ao direito de exploração e aluguer do Cinema Teatro de Olhão, ao piano e à máquina de projecção. SEGUNDO: Ao cabeça de casal são atribuídos os poderes de gerência e administração na exploração daqueles bens, com dispensa de prestação de contas. TERCEIRO — Fica fixada em dois mil duzentos e cinquenta escudos mensais a importância que o cabeça de casal pagará à interessada dona Regina como rendimento da sua parte na exploração dos ditos bens. QUARTO — Esta importância será paga a partir de Novembro do corrente ano, inclusive, até ao dia dez do mês seguinte àquele a que respeitar. QUINTO — Correlativamente a partir daquele mês de Novembro inclusive, cessará a pensão alimentícia de mil e setecentos escudos que o cabeça de casal tem pago a sua

ex-mulher, sem prejuízo do direito a alimentos que legalmente tenha se tiver cessado aquele pagamento em virtude de extinção do direito de exploração acima referido. O presente acordo deixará de ter validade quando para isso tenha havido acordo de ambas as partes. SEXTO — Serão reservadas, na primeira plateia, três cadeiras da fila I, com números seguidos, pelo cabeça de casal para a interessada dona Regina, as quais se destinam a uma sessão diária de cinema, Soirée ou Matiné e duas na fila B para uma sessão diária de Teatro, assistindo, porém, à interessada dona Regina a obrigação de levantar na bilheteira até meia hora antes do início do espectáculo aqueles bilhetes. Os mencionados bilhetes não poderão ser vendidos pela respectiva beneficiária. SÉTIMO — A interessada dona Regina poderá entrar no Cinema Teatro fora das horas do espectáculo e dentro do horário normal do serviço. OITAVO — Fica a cargo do cabeça de casal o pagamento de todas as licenças, encargos e despesas que se relacionem com o espectáculo e outras. NONO — Sempre que qualquer das partes não cumpra o clausulado fica a outra com o direito de denunciar o presente acordo. DÉCIMA — Se o cabeça de casal desistir ou abdicar dos seus poderes de administração passará esta a ser exercida pela interessada dona Maria Regina. DÉCIMA PRIMEIRA — Por falecimento de qualquer dos interessados serão os respectivos direitos nos bens descritos transmitidos aos respectivos sucessores. As custas serão pagas pelos interessados em partes iguais.

Para constar se lavrou o presente auto que depois de lido e revisto vai ser devidamente assinado. (aa) Manuel Soares Caramujo — Júlio Filipe de Almeida Carrapato — Jaime Guerreiro Rua — J. Moura Veiga — Maria Regina Santos — Fernando Amaro Pereira.

Que, a fls. 353 do mapa de partilha adicional se vê o seguinte pagamento: A requerente Dona Maria Regina Santos, Haverá: Na verba n.º 1 — O direito à exploração e aluguer de móveis do Cinema Teatro, de Olhão, 1/2 — adjudicada — 6 000\$00; Nas verbas n.ºs 2 e 3, móveis, 1/2 — adjudicada — 5 500\$00. É o valor da sua meação nos bens descritos adicionalmente — 11 500\$00. E assim fica paga.

Mais certifico que esta partilha adicional foi homologada por sentença de 29 de Maio de 1965 e, devidamente notificada, fez trânsito em julgado em 11 de Junho do mesmo ano.

Encerramento
É quanto me cumpre certificar em face dos autos a que me reporto no caso de dúvida. Passada em Olhão, aos 23 de Março de 1972.

O Chefe da Secretaria,
Manuel Pires Guerreiro da Ángela

GUARDA-FIOS CONFRATERNIZAM

No próximo dia 9, decorre no Solar dos Pinheiros (Lagoa) o 3.º almoço de confraternização dos guarda-fios dos C. T. T., em que participam profissionais de todo o País.

Sem Dizer ÁVONDE

A IGREJA E A DEMOCRACIA QUE LHE CONVÉM

Certo sector da Igreja Católica tenta agora a sobrevivência política, fazendo-se arauto da democracia.

Espanta realmente que só agora os padres progressistas do Algarve falem em democracia.

Nenhum padre algarvio foi torturado pela PIDE como foram os opositores ao antigo regime.

Nenhum deles foi preso, nenhum deles tomou posição perante a escandalosa actividade pró-fascista do jornal da sua religião.

Antes porém, continuaram a fazer os seus enterros e baptismos, na Guia, em Loulé e em Faro.

Disseram as suas missas distribuindo o Cristo que neste momento rotulam de «democrata».

Não me digam, que tal como Aleixo observara ironicamente João Baptista fizera Cristo «cristão», nós agora tenhamos de concluir que foram os «cristãos» que fizeram os democratas...

A Igreja tem as suas instalações próprias (ao longo dos 48 anos do fascismo, as igrejas foram mais do que as sedes da A. N. P....) e ninguém impedirá que os padres reaccionários ou progressistas as continuem a utilizar para a formação do Povo de Deus.

Agora o que é inadmissível é que o Movimento Democrático ceda o seu tempo aos padres sem que estes deem a oportunidade aos comunistas, socialistas e grupos de extrema-esquerda de poderem falar por exemplo no meio das missas e nos finais de procissões...

Remexido

BRISAS do GUADIANA

Foi satisfeita uma justa aspiração dos empregados do comércio de Vila Real de Santo António

VINHAM de há alguns anos as solicitações dos empregados no comércio de Vila Real de Santo António no sentido de, à semelhança do que acontecia em quase todo o Algarve não só nos estabelecimentos comerciais como nos bancos, escritórios e repartições, lhes ser facultado o regime de semana inglesa.

Tais solicitações, embora acolhidas de bom grado por um sector apreciável dos comerciantes, esbarravam na indiferença ou manifesta má vontade de outro, mais reduzido, por isso resultando sempre de efeitos duvidosos ou manifestamente negativos as reuniões que de longe em longe se realizavam, com vista ao encerramento das lojas nas tardes de sábado.

Talvez influenciados pelo êxito que acabava de ser conseguido pelos colegas de Lisboa nas suas idênticas reivindicações, juntaram-se os empregados vila-realenses às 15 horas de sábado passado, e em número superior a uma centena foram, ordeiramente, junto dos estabelecimentos que se encontravam abertos, pedir aos respectivos proprietários que os encerrassem, aderindo deste modo à modalidade já em uso em quase todo o País. De uma maneira geral, os comerciantes, depois de ouvidos os empregados, deram o seu acordo à sugestão, encerrando prontamente as portas todos os estabelecimentos de venda ao público, com excepção dos cafés e tabernas.

Anulados os anteriores condicionais, espera-se que esta determinação do comércio de Vila Real de Santo António obtenha em breve o sancionamento de quem superintende na matéria, de modo a ser em absoluto respeitada por todo o comércio, pois não faria sentido que algum comerciante mais oportu-

numista, baseando-se no facto de a medida ainda não estar legalizada, mantivesse abertas (ou entreabertas), as suas portas, promovendo uma concorrência desleal aos restantes e fazendo perigar o espírito de coesão que levou todos os outros a decidir encerrar nas tardes de sábado.

Igualmente se espera que a ocasião seja aproveitada para se pôr termo às vendas feitas à socapa, aos domingos, por um ou outro comerciante mais aferrado a velhos usos, para não virem a ser indirectamente prejudicados os propósitos definidos e aceites por todos no sábado passado.

J. M. P.

QUARTEIRA, presente!

JUSTAS REIVINDICAÇÕES DA CLASSE PISCATÓRIA

NINGUEM pode ignorar que o mar constitui uma das principais fontes abastecedoras do nosso País e que os pescadores são a mola mestra dessa poderosa indústria. É certo que o seu labor produtivo se rodeia de incertezas, já que depende de factores e circunstâncias que o homem não pode controlar. Todavia, isso não impede a salvaguarda do seu futuro, nem poderá justificar o seu passado envolto no manto da falta de protecção adequada.

Assim, os pescadores quarteirenses, agora libertos do jugo opressor, sentem chegado o momento de reivindicar o que se lhes afigura justo. Contudo e como lhes é habitual, sentem o peso das responsabilidades como trabalhadores da Nação e evocam ordeiramente as suas exigências.

Antes de mais, convém não ignorar que Quarteira, até há poucos anos, se desenvolveu por si própria e graças aos pescadores; muitas foram as promessas do «rei dos mares», mas de concreto pouco há a assinalar. Portanto, um bairro não de «sem» casas, como era alvitado em altura de eleições, pelo indesejado sugador e seus sequazes, mas sim um bairro com cem moradias como de há muito se justificava; uma lota equipada com balança para venda e pesagem do pescado; dois armazéns em substituição da vergonhosa aldeia de barracas, para recolha dos seus apetrechos de trabalho; iluminação da zona de atracagem, no sentido de eliminar o perigo a que se expõem os pescadores. Será muito? Tudo isto se justifica e vem sendo prometido desde longa data.

Mas os seiscentos pescadores desta Quarteira desejam e merecem mais. O seu número é mais do que suficiente, para dependerem única e exclusivamente da Junta Central em Lisboa. Dependem de Faro que apenas terá meia centena de trabalhadores da classe, parece contradição. Na sua petição desejam, com toda a urgência, o fim da burocracia anterior, que durante décadas tiveram de suportar; acesso ao controle da escrita, para uma análise mais aproximada do seu labor, a fim de poderem comparar o passado com o futuro no que se refere a regalias até para que as suas exigências não se tornem descabidas, ou superiores à sua contribuição. Quanto a nós, esta é uma nota de mentalidade sã, uma exigência discreta na medida em que tal acesso sempre lhes foi negado e porque a administração local parece ter funcionado meio comprometida, mantendo numa ignorância propositada, as largas centenas de contribuintes.

Na realidade, torna-se forçoso e justo tomar em atenção as reivindicações destes humildes trabalhadores no que se refere a previdência. Os 14 000 contos, valor da venda do pescado em 1973, com um desconto da ordem de um milhar de contos; uma farmácia que deixa de lucro em cada ano coisa parecida com 300 contos e ainda a cotização mensal são, por si, o suficiente para não se pensar duas vezes, constituem uma razão para os pescadores se lamentarem e representar o escândalo da previdência social na classe piscatória.

O ver partir para o mar homens com mais de 70 anos em busca do seu sustento e dos seus, é inadmissível e contra os princípios humanitários.

Dizem os pescadores, e nós admitimos, que são gastos na administração e no funcionamento da Casa de Pescadores de Quarteira, sem justificação aparente, cerca de 15 contos por mês. Ora, tal importância não daria uma achega para pagamento de pensão a meia-dúzia



A força incontida do povo junto ao Palácio de Queluz para vitoriar Spínola. Pela primeira vez, os representantes das Forças Armadas parece não estarem de acordo com os desejos da multidão. Mas há uma alegria indesmentível e espontânea em todos os rostos.

CARTA DE PORTIMÃO

AOS AMIGOS E AOS OUTROS

TU que passaste toda a vida (é impossível que tivesses passado menos que isso) a desejar a liberdade que nos trouxeram há pouco mais de um mês, não a percas agora por estupidez, desmedida cegueira, inconsequência, ou porque pretendes o sol tendo a lua ao alcance;

tu que viveste de rastos com a patorra fascista sobre o cachaço, não corras ainda, ergue-te primeiro a toda a altura da tua dimensão humana finalmente reencontrada, firma-te nos pés e olha em volta antes do primeiro passo, pois que de contrário voltarás a cair;

tu que sonhaste a gota de alegria, ou o cântico de esperança, não te embebedes agora, já que precisas da tua sobriedade para que alegremente construas o futuro a partir das promessas que te deram;

tu que acordaste em 26 de Abril depois da longa noite de ausência, pensa primeiro, amigo, por favor PENSA no que farás acordado neste país natal que é o teu e que é o nosso;

tu que nada contestaste, nada discutiste em 48 anos e em todo este tempo sempre disseste que sim ou nada disseste, não contestes agora, discute apenas aquilo que saibas de ciência certa, já que não és obrigado a saber de tudo, diz o que fores exactamente necessários e fala sóbrio, medido, exacto, para que não aumente a poluição de palavras do país livre que nos trouxeram;

e tu que colaboraste com o teu patrão na exploração do companheiro de trabalho, tu que denunciaste, que de quando em quando fizeste o frete à Pide, lembra-te que ninguém te obriga a seres democrata e muito menos socialista ou comunista;

tu que te banqueteaste vezes sem conta à mesa dos senhores do quero posso e mando, que te fotografaste em javardas poses com os donos da coutada, não escrevas agora «baladas da liberdade», deixa isso para os outros, dá o exemplo da vergonha reencontrada em quem a teve apenas quando menino de mama;

tu que assinavas o Diário da Manhã porque ninguém tem nada com aquilo que se assina, e todas as tardes, triste e burocraticamente, lhas o Notícias, e nas tardes de sábado o Comércio local, não te passes agora com o República porque se olhares em volta há-de reparar que ninguém acredita e fazes de bobo, homem, fazes de bobo;

tu que nunca consideraste os do contra, que os olhavas do alto da tua imponência, que nada tinhas a ver com essa câfila de loucos, não lhas atires agora bons dias do outro lado da rua, que eles te desprezarão ainda mais se o fizeres, mas sem ódio, acredita, que eles são incapazes de usar a loção que tu esbanjaste.

Amigos ou não, um conselho de amigo: a uns que sejam dignos, calmos, ponderados e firmes — a outros que não menos. A ver se a gente se entende, se, finalmente, nos entendemos.

Candeias Nunes

REMEXIDO: É TEMPO DE DIZER ÁVONDE!

por Ezequiel Ferreira

PARA a maior parte dos leitores do *Jornal do Algarve*, o nome com que aparece assinado o «Sem dizer ávonde», certamente nada significa. É uma assinatura como qualquer outra; poderá até corresponder ao apelido da pessoa responsável pela coluna.

Mas eu penso que não é assim! Carlos Albino que, segundo creio, foi o «pai» do «Sem dizer ávonde», e que durante muito tempo assinou com as iniciais C. A. do seu nome, chegou a dizer-me que a coluna passaria a pertencer a quantos quisessem escrever para ela. Na verdade parece-me que alguns leitores deste jornal chegaram a beneficiar dessa proposta do Carlos Albino.

Depois o «Sem dizer ávonde» hibernou... para voltar mais tarde, subscreito semanalmente com o nome do sinistro Remexido. Será pseudónimo do Carlos Albino?... Gostaria que não fosse! Ou que, sendo, tivesse deixado de o ser depois do 25 de Abril.

Pois como é possível que alguém na nossa terra, e no nosso jornal — o único que no Algarve soube manter com dignidade a sua existência de jornal independente — depois da queda do fascismo, ainda dê a uma secção, que se pretende de crítica dos vícios sociais, a assinatura do monstruoso Remexido!?

Por tudo o que este nome faz — ou devia fazer — recordar aos algarvios; pelos crimes hediondos que cometeu; pelos horrores que causou; pela mancha que derramou sobre a História da sua e nossa Província — o nome do Remexido bem pode andar associado à PIDE, à Legião, à U. N./A. N. P., ao Estado Novo, ao ultramontanismo clerical, ao salazarismo, ao fascismo... enfim, a todas as formas de degradação humana. Mas nunca à intenção crítica e castigadora de vícios que todos gostaríamos fosse de futuro a única intenção do «Sem dizer ávonde».

Para quem conhece um pouco de história do Algarve relativa ao século passado, o nome do Remexido ressoa abafado pelos gritos das vítimas que, ao longo de mais de vinte anos sucumbiram nas chacinhas praticadas por ele e pelo bando de assassinos que chefiava. Feroz cau-

dilho miguelista formado no seminário de Faro, tão incapaz de respeitar a liberdade como de vencer com honra os seus adversários liberais (porque liberais já em 1820 eram quase todos os algarvios do litoral) o serrenho seminarista de S. Bartolomeu de Messines, rico proprietário rural e capitão de milícias do rei absoluto, espalhou a morte e o terror por todo o Algarve, desde Lagos a Alcoutim. A serra era o seu fojo; as povoações do litoral o seu alvo preferido; os criminosos mais sórdidos os seus homens de confiança; os pequenos lavradores do barrocal as suas vítimas diárias...

Mas que o digam Portimão, Lagoa, Alcantarilha, Loulé, Faro, Olhão, e, sobretudo, Albufeira — que foi saqueada, incendiada e passada a fio de espada pela alcaideia de feras humanas que esse facinoroso chefiava — as torturas, os roubos e as mortes que sofreram de Remexido!

Que o digam essas vítimas da intolerância política reaccionária, e do obscurantismo religioso que impregnavam o espírito cruel do famigerado caudilho... E verão os leitores do *Jornal do Algarve* a razão por que nos devíamos sentir envergonhados por ver o nome do Remexido a servir de pseudónimo dum colaborador deste jornal. Muito embora antes do 25 de Abril me tivesse ocorrido já este protesto, nunca me decidi a proclamá-lo publicamente, pela simples razão de que no meio de tanto crime e tanto opróbio sofrido diariamente por todo um povo oprimido e humilhado por tantos Remexidos modernos, a assinatura do autor do «Sem dizer ávonde» não passava dum simples brincadeira de mau gosto.

Hoje, porém, que pides e legionários tomaram, que chegou a hora de expurgar da sociedade portuguesa todos os sinais do fascismo, e de remeter os Remexidos que ainda por aí campeiam à solta, para o redil das feras donde saíram há 48 anos... hoje não posso calar por mais tempo este meu protesto: É tempo de dizer ávonde ao Remexido!



José Guerreiro Neto & F.º, Lda.

SE PRETENDE ENCONTRAR UMA SOLUÇÃO PARA O SEU PROBLEMA...

- IMPERMEABILIZAÇÕES: COBERTURAS, PAREDES, FUNDAÇÕES, DEPÓSITOS, ETC.
- PAVIMENTOS INDUSTRIAIS E PECUÁRIOS
- ISOLAMENTOS TÉRMICOS: CÂMARAS FRIGORÍFICAS, COBERTURAS, ETC.

...UMA EQUIPA DE PESSOAL ESPECIALIZADO ENCONTRAR-SE-Á AO SEU DISPOR

ESCRITÓRIO: R. PADRE ANTÓNIO VIEIRA—LOULÉ TELEF. 6 22 83

....E TAMBÉM

Hotel Vasco da Gama

MONTE GORDO

FOI PINTADO COM TINTAS

EXCELSIOR

Distribuidor para todo o Algarve

«ESTANTARTE»

REPRESENTAÇÕES E COMÉRCIO, LDA.

Rua Aboim Acoensão, 54

Telef. 24707 FARO

